

1 ESCUDO

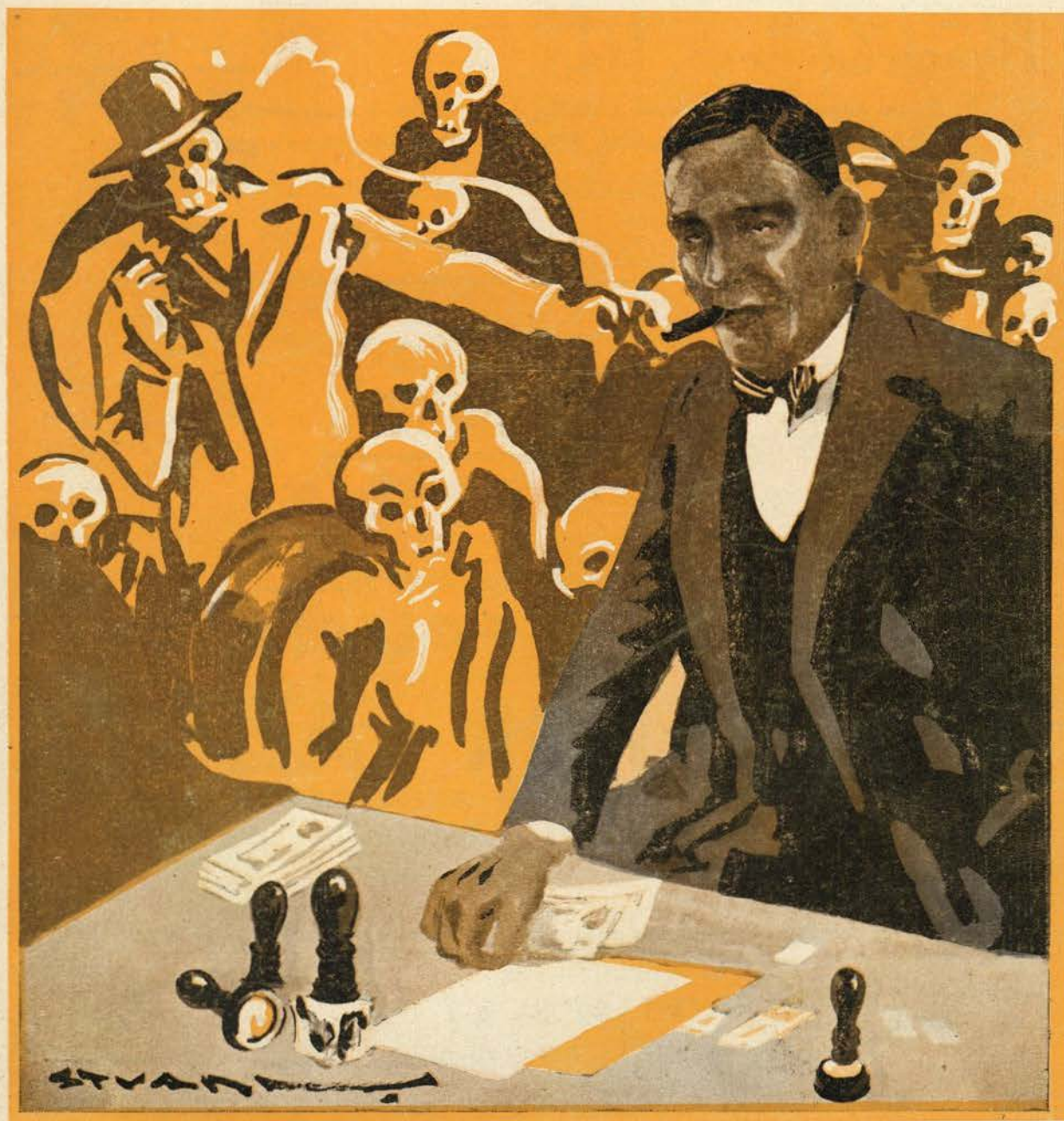
o repórter.

Semanario das
grandes reportagens

ANO I

7 de Março de 1931

Numero 31



LER NESTE NUMERO: O "bas-fonds" da emigração—O homem das portas falsas—Os aventureiros do Avenida Palace, etc., etc.,

Papeis couchés e imitação,
Magazines, Jornais, Livros,
Escrita, etc.
Cartões Marfim, Bristol,
Duplex, Palha, etc.

Das acreditadas fábricas de
GEBRS. VAN REEKUM
de Amsterdam

São agentes gerais para Portugal a
SOCIEDADE DE COMERCIO EXTERIOR, LTD.
Rua do Alecrim, 29 — LISBOA
Telef. 2-1939

Representada por: GILBERTO SEQUEIRA

O papel deste semanário é for-
necido por esta fábrica

NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brasil
e America do Norte



PASSAPORTES

Agente no Norte

da **United States Lines**
TELEFONE, 762

Rua do Loureiro, 60, 62

PORTO

ALFAIATARIA

DE

ANTONIO DIAS

Fazend. nacionais

— e estrangeiras —

Largo de S. Sebastião da Pedreira, 34

LISBOA

Figueirôa Rego, Ltd.

CASA FUNDADA EM 1845

Casa especialista em OLEADOS para chão e passadeiras. Papeis
pintados, Tapetes, Carpetes, Stores e mais artigos da especialidade.

Pedimos confrontem nossos preços e qualidades

Telef. 2 5379

209-213, Rua da Prata, 209-213

LEITURA EMOCIONANTE!

ASSUNTOS PALPITANTES!

O maior sucesso literário de 1931

Novela Policial

DIRECTOR:

REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

QUINTA-FEIRA, 12 DE MARÇO

NOVELA POLICIAL

N.º 7

A MULHER-AGUIA

Original inédito do REPORTER X

A NOVELA POLICIAL

16 páginas—Uma novela po-
licial completa, original,
inédita—Capa a cores

Dirijam já os seus pedidos de revenda e assina-
turas para a Administração do «REPORTER X»
e da «NOVELA POLICIAL».

TELEFONE || ROSSIO, 3, 3.º || Endereço
2-5442 || LISBOA || Telegráfico
REPORTERX

Preço:

1

ESCUDO

A miséria de uma alma

DESDE que faço jornalista — e de combate tem sido êle quasi sempre — nunca recebi uma carta anónima que me deixasse uma tão desoladora impressão de tristeza acêrca da matéria vil de que é feita a pobre e mesquinha humanidade como esta que me apareceu sobre a banca de trabalho após o desgosto indescritível causado pela morte cruel e injusta de minha filha inocente.

A carta anónima que o correio traz é, para mim, uma banalidade insignificante. Rogando-me pragas, crivando-me de insultos, encomendando-me ao Diabo, abrindo-me as portas terrificantes do Inferno, a carta anónima merece-me, desde há muitos anos, menos interêsse do que a relva ou as pedras do caminho que meus pés esmagam sem dar por isso. Sobre esta, porém, que surge em um mo-



— Terá sua filha talento para o cinema?
— Ora essa! Quando ela vai ao cinema todos lhe gábam as pernas!...

mento excepcional da minha vida, fixei a minha atenção durante alguns minutos. Ela dizia textualmente: Os médicos não podiam salvar a filhinha do bandido que ataca os médicos. E, sempre aproveitando aquela nesga de fraqueza humana, natural em quem sofre muito, através da qual penetra ás vezes a fé que há muito feneceu no meu coração descrente, acrescentava com mal disfarçada perversidade: Ela se vivesse (a minha pobre filha) Deus dar-lhe-ia um mau caminho.

Como é deformada e reles a mentalidade de quem me escreveu esta carta pretensamente tenebrosa!

De uma machadada pretendia alcançar dois objectivos: o primeiro, obrigarme a um respeito servil á sciência fallivel dos médicos; o segundo, convencer-me de que, para lá d'êste maravilhoso céu estrelado e deslumbrante que meus olhos contemplam embevecidos durante as noites calmas de verão, existe um Deus sisudo, severo e bárbaro que, para castigar os pais, sacrifica os filhos.

Ora, a carta vil que mão cobarde anonimamente me escreveu deixa-me, apesar da desculpavel fraqueza de ânimo em que a morte de um ser querido me encontrou, na mesma posição em que estava anteriormente com respeito aos médicos e á sua sciência.

Se almejava levar-me de joelhos, contrito, aos degraus de um altar, tão pouco essa carta ignóbil viu satisfeitos os seus intentos. Sou ateu, por raciocínio, e não por intolerância. Respeito até ao limite extremo as convicções alheias, para que respeitem as minhas — porque a nossa liberdade de pensar está na proporção da liberdade mental que concedemos aos outros.

No caso de minha filha, entregue aos cuidados, mais do que aos cuidados, aos carinhos do Dr. Carlos Salazar de Sousa, a cuja competência rendo publicamente as minhas homenagens, a sciência falhou. E dos milagres nada havia a esperar.

Ainda não há muito tempo que eu,

(Conclui na pag. 14)

O MARQUEZINHO

Dizia o mundo com espanto
Do velho Marquês de Sagres.
— Que é feito p'lo Padre Santo —:
— «Se o Marquês dispende tanto,
Com certeza faz milagres!...»

Mas, p'las fortuitas razões
Com que o bem condena o mal,
Escancaram-se os alcapões
Que sorvem os illusões
Dessa vida teatral.

Acabou-se a triste força
Daquêlê pobre banana
Que de mulher se disfarça,
E não passa dum comparsa
Da reles comédia humana.

Sem nunca lhe ter falado
Me dizia o velho instinto
Que o mancebo aperaltado
Não provinha dum Cruzado,
Mas do troco d'algun pinto...

Mas o menino impudente,
Da forma mais descarada,
Ousava impingir á gente
Que tinha um seu ascendente
Nobreza de capa e espada.

Êste marquês que se escapa,
Pretende vir-lhe a nobreza
Dos tempos de espada e capa,
Quando só tem com certeza
Nobreza de espada... e Papa!

JOÃO FERNANDES

reporter

O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM
E EXPANSÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos
os acontecimentos de sensação
nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto á venda
simultaneamente em todo o país

DIRECTOR
REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Director-Gerente, Administrador e Editor
ANGELO DE AZEVEDO FERREIRA

Chefe da Redacção
MÁRIO DOMINGUES

Propriedade unica de Angelo e Reinaldo Ferreira

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
ROSSIO, 3. 3.º — TELEFONE 26442 — LISBOA
Esd. Teleg.: REPORTERX — LISBOA

DELEGAÇÃO NO PORTO — RUA DO ALMADA, 10

COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA SILVAS, LTO.
RUA D. PEDRO V. 120 — LISBOA — TELEFONE 23121

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses — série de 12 números — Esc. 11\$50
6 " " " 25 " " — Esc. 22\$50
12 " " " 52 " " — Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescentam os respectivos portes
Pagamento adiantado



LADRÃO POR AMOR

UM DRAMA IGNORADO DA PROVÍNCIA — A CONFISSÃO DO DELINQUENTE — O REMORSO
NÃO PERDÔA — A PSICOLOGIA DA MULTIDÃO — A INUTILIDADE DO SACRIFÍCIO

— COMO explica você isto, Armando?... Então ainda há coisa de uma hora se via sobre esta ficha a nota de «extravio» e agora já não a tem?... Foi rasurada, porquê?

— E' que tenciono amanhã falar com o cliente e temia esquecer-me depois de fazer uma ficha nova... Assim, já não é preciso arranjar outra...

Os inspectores aceitaram de bom grado aquela explicação. Armando Nunes Fernandes era um empregado exemplar havia já muitos anos, prestando sempre as mais elevadas provas de honradez.

Armando Fernandes, dirigindo-se a um dos inspectores, disse em voz trémula:

— Sabe uma coisa? Na agencia da Caixa há um desfalque... E aquela ficha para a qual os senhores me chamaram a atenção é a prova do que afirmo...

— Ora, meu caro Armando, você não pensa o que diz — respondeu o inspector, sorrindo daquêlê zêlo levado ao exagero. — Pois se a escrita está tôda em ordem, como existe desfalque?... Deixe-se disso!...

Mas o Fernandes, com o intimo abalado por tempestades de perturbação e uma

forte cobardia a entrar-lhe êsse desejo, mais, essa necessidade, de se vergastar publicamente com o labeu de ladrão...

Só tinha pena duma coisa, affiançou, tentando enxugar as lágrimas:

— Os meus filhinhos — três inocentes e lindas crianças que, mais tarde, um dia, viriam a saber que tiveram um pai criminoso... E a mulher, coitada, também iria sofrer muito...

Depois veio a confissão completa, nos seus mais insignificantes detalhes: O desfalque vinha sendo realizado já há quatro anos... Ninguém sabia, porque não se poderia saber tão cedo... E' que êle fazia *aquilo* com certa habilidade, socorrendo-se um pouco da intelligencia... Assim, quando lá ia um depositante levar dinheiro, êle lançava a verba verdadeira na caderneta do cliente, registando porém no livro da agencia uma quantia inferior àquela. Dessa forma, a caderneta do depositante acusava sempre o depósito verdadeiro, enquanto o registro denunciava uma importância menor... E como era êle o encarregado dêsses levantamentos, os outros empregados da agencia de nada suspeitavam...

E a finalizar uma conversa que o amargurava, terminou bruscamente:

— Acreditem porém numa coisa: as primeiras vezes que roubei foi com a ideia de, mais tarde, tornar a repôr o dinheiro desviado... Depois, fui precisando de mais, tive novas necessidades financeiras..., novas tentações..., sempre com o mesmo pensamento de solver a divida clandestina... Cheguei a isto: não saber onde havia de ir buscar tanto dinheiro, para que o meu nome nada soffresse... Pronto, acabou-se! Foi a Fatalidade...

A noticia constou rapidamente por tôda a cidade, apaixonando a sua população.

A' volta do criminoso observou-se então um caloroso ambiente de simpatia, numa intensa manifestação de sentimentalismo colectivo, que, bastas vezes, empolga as multidões...

Perdoar!!! Foi o grito expontâneo que se ouviu por tôda a parte...

E junto dos correspondentes dos jornais moveram-se influencias para que a occorrença, que entristecia aquela terra de gente honrada, não saísse do âmbito local.

A' prisão, onde o Armando Fernandes



Cearam alegremente, com a alegria própria de pessoas cuja consciencia não tem qualquer dũvida a oprimi-la

Por isso mesmo, não sendo, muito embora, o gerente oficial da agencia, passava-lhe pelas mãos tôdo o movimento da Caixa, que êle, com a sua diligencia comprovada e vastos conhecimentos técnicos, escriturava com método e ordem.

A inspecção, pois, sem quaisquer outros incidentes, continuou pela noite dentro, comprovando mais uma vez o zêlo e competencia de tôdo o pessoal.

Cêrca da meia noite, encerraram os inspectores o seu trabalho, por êsse dia, dirigindo-se para um dos «cafês» da cidade, onde cearam alegremente — com a alegria própria de pessoas cuja consciencia não tem qualquer dũvida a oprimi-la.

Foi só então, depois da ceia, que o

aparente calma no semblante franco, voltou teimosamente:

— Já disse! Existe desfalque e o autor dêlê está na vossa presença... Prendam-me, porque eu... sou um ladrão!...

E ante o pasmo dos seus companheiros, o Armando Nunes Fernandes, como quem se desoprime dum grande peso que lhe esmagava o cérebro, contou tudo, numa golfada de sinceridade, no prazer amargo do remorso, do arrependimento de ter prevaricado a despeito dos protestos da sua consciencia. Havia já muito tempo que êle tinha desejos de confessar o seu crime a tôda a gente — àquelas mesmas pessoas que o julgavam honrado, que lhe apertavam a mão supondo-a limpa de qualquer mancha... Mas ao mesmo tempo sentia uma

(Conclui na pag. 14)

O MISTÉRIO DA "GRANDE BERTA"

Só agora se desvenda a maneira como os franceses descobriram onde se ocultava o famoso canhão que bombardeava Paris a 120 quilómetros — Como os espias alemães informavam os Impérios Centrais dos lugares onde os obuzes caíam — O heroísmo de um contra-espia francês

ERA na terça-feira da Semana Santa de 1918. Na popular igreja de Saint-Gervais, em Paris, a multidão orava pela salvação dos entes caros que se encontravam nas trincheiras, quando inesperadamente o tecto do templo foi destruído por uma tremenda explosão. A casa de Deus, em um momento, foi convertida num infernal sepulcro. Fumo, chamas, ruínas, sangue, gritos lancinantes, horror indescritível! Mais de quarenta mortos e cem feridos: mulheres, raparigas e crianças na maior parte.

Enquanto se organizavam os primeiros socorros, soava o sinistro troar de novas explosões em outros bairros de Paris.

Estarlam os alemães tão perto da capital como em Julho de 1914?

Dando-se conta do desastoso efeito que tal hipótese poderia produzir na população, o governo apressou-se a publicar o seguinte comunicado oficial:

«O inimigo bombardeia Paris com um canhão de longo alcance. A partir das 8 da manhã, cada quarto de hora, um obuz de 420 mm. cai sobre a capital em pontos diferentes. Estão em via de imediata execução medidas para combater o flagelo. O governo chama a atenção dos habitantes sobre o facto de que o ponto mais próximo da frente se encontra além de 100 quilómetros de Paris.

Assim, o gigantesco canhão está situado aproximadamente a uma distancia de 115 quilómetros.»

A distancia exacta, como depois se verificou, era de 120 quilómetros. O canhão do *Kaiser*, ao qual os franceses deram o nome de «Grande Berta», disparava sobre Paris da floresta de Saint-Gobain, a poucos quilómetros de Crépy-en-Lannois, donde, a partir da madrugada de 24 de Março, começou a vomitar a morte, a ruína e o desespero sobre a capital francesa.

OS «ANÚNCIOS ECONOMICOS»

Apesar da formal promessa, o Alto Comando não conseguia combater o flagelo. As explorações

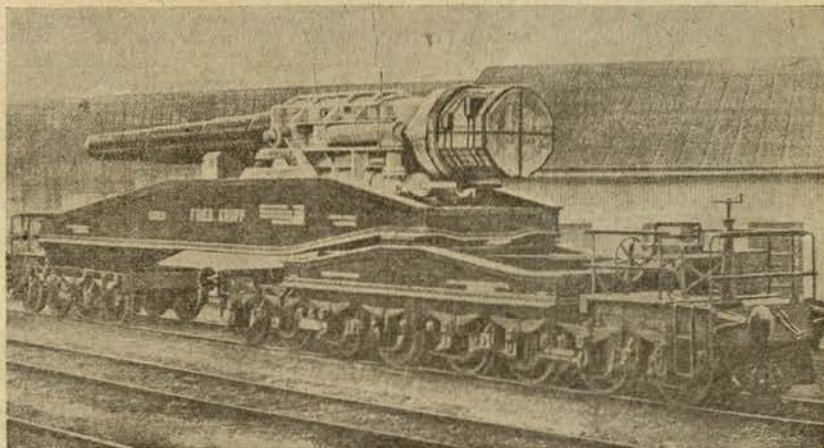


Berta Krupp, falecida há dias, filha do famoso fabricante de canhões Krupp, cujo nome serviu para o baptismo da «Grande Berta», o canhão-monstro

aereas, para descobrir o monstro, não deram resultado.

Um facto, porém, impressionava o comando francês: que os desastres causados pela «Grande Berta» eram, no dia seguinte, minuciosamente descritos pelos jornais de Viena e Berlim, e que a estas

— «Para Jaegen (conhecido espia alemão) em Berne. — O Rei de Inglaterra estará em Paris no dia 16 do corrente. Visitará os invalidos ás 3 da tarde e á noite assistirá a um espectáculo na Opera. O último raid dos nossos aviões foi magnifico. Peço não faltar aos invalidos nem á Opera,



O gigantesco canhão que bombardeava Paris a 120 quilómetros de distancia

precisas descrições inimigas a imprensa parisiense opunha comunicados lacónicos que nunca iam além dum par de linhas.

Como, é que os alemães conseguiam obter seus informes tão exactos?

O general Nitvelle, nomeado nesses dias chefe do Estado Maior, mandou uma ordem a «Deuxième Bureau» (repartição de contra-espionagem) para averiguar o lugar onde estava a «grande Berta» e o meio pelo qual os alemães obtinham as suas informações.

Que em Paris viviam e agiam espões alemães, já se sabia. Mas como conseguiam corresponder com Berlim e Viena, sendo a censura implacável para com a correspondência para países neutros?

Averiguou-se logo, e por mera casualidade, que o inimigo se servia da imprensa francesa, a qual inconscientemente, nos «anúncios economicos», fornecia informações exactas. Com o tempo, a «Deuxième Bureau» conseguiu obter a chave que permitia traduzir os innocentes anúncios.

Assim, no «Intransigeant» de 2 de Maio de 1918 appareceu o seguinte anúncio:

— «Para Zoé: João chegou dia 7 ás 2 horas. Quería ver-te dia 11 ás 3 da tarde porque a mãe está muito doente e a irmã desmoralizada.»

Tradução: — «Por Zurich. — O canhão bombardeou seriamente Paris dia 7 ás 2 horas. Com onze tiros consecutivos causou ruínas no 3.º bairro, impressionando profundamente a população.»

O «Quotidien» do dia 11 do mesmo mês trazia este anúncio:

— «João a Berta: O tio de Londres chegará a Paris no dia 16. Procura encontrá-lo nos Invalidos ás 3 da tarde ou na Opera á noite. Mamã recebeu teus diversos pacotes. Ela pede-te o favor de não faltares á entrevista, levando contigo as raparigas amigas da pensão.»

Tradução:

conforme está combinado, acompanhado da «esquadriha».

Ao ser descoberta a chave desta engenhosa correspondência, os jornais alemães já não davam descrições dos estragos que o canhão causava.

Mas o bombardeamento continuava e o Comando Supremo renovava as suas ordens e censuras á repartição de contra-espionagem, por tal maneira que um dos seus chefes, o capitão Angel Balmère, decidiu descobrir o lugar onde se encontrava a «Grande Berta», custasse o que custasse.

Vestido do uniforme de capitão do exército imperial e transportado em avião á zona ocupada pelos alemães, através de multiplas peripécias, conseguiu aproximar-se da floresta de Saint-Gobain.

Mas, em torno da formidável bateria, que cada quarto de hora lacerava o coração de Balmère com o seu lugubre trovejar, estendia-se uma cadeia de sentinelas vigilantes. Munido dum documento, perfeitamente limitado, pelo qual o mandavam regressar ao seu regimento nas trincheiras, o falso oficial alemão conseguiu aproximar-se do bosque sem ser incomodado. Pelo caminho, os soldados limitavam-se a fazer-lhe a continência. Balmère, fingindo pressa, fez durante toda a tarde um val-vem pelas estradas dos arredores e só ao cair da noite entrou na zona de bosque, subindo imediatamente a uma árvore para ali observar, sem conseguir ver nada por causa da escuridão da noite. Assim, passaram horas de angústia, quando, depois da meia noite, inesperadamente, ouviu o som surdo dum *clakson*.

Balmère, como todos os agentes da contra-espionagem francesa, sabia que só os automoveis do serviço particular do Imperador se serviam deste alarme para se distinguirem dos outros carros.

(Conclui na pag. 14)

A DERROTA DO MARQUÊS DE SAGRES OS MORTOS DAS GUERRAS

As portas falsas através da História — Zé de Oliveira, o homem das portas falsas — A porta falsa da Rua Eugénio dos Santos — Processos de vida que são portas falsas — O estrebuchar de um arrivista — Paz ao vencido

Se a humanidade pensasse nos horrores que os conflitos guerreiros engendram, a paz seria um facto sobre a Terra — Os horrores de uma estatística modesta

PORTAS falsas! A História da humanidade está cheia de portas falsas. O Egipto, o velho Egipto dos faraós, já as usava, bem dissimuladas nas linhas severas da sua arquitectura

das quais sopravam para os tempos modernos os maus ventos de hediondez e terror da Idade Média.

As portas falsas! A elas está sempre ligada uma ideia de traição e crime. São as portas falsas da Inquisição recordando milhares de vítimas que por elas se sumiram como por alçapões de magia; as portas falsas dos conventos por onde o pecado entrava, subreptício e aliciador, nas almas votadas às coisas divinas — e, finalmente, as portas falsas do nosso tempo, que giram em gonzos discretos, movidos por engenhosos e modernos maquinismos que a civilização inventou. São as portas falsas das grandes organizações secretas de bandidos milionários, que se permitem disfarçar os seus covis sinistros com ornamentos ricos de um bom-gosto de burguês pacato.

A porta-falsa chega a assumir um quê de simbolismo moral — a duplicidade de carácter de quem delas se serve. Um homem que usa portas falsas em sua casa é porque tem na sua vida alguma infâmia a ocultar, algum vestígio de crime a fazer desaparecer das vistas indiscretas do mundo.

E o Marquês de Sagres, que nós denunciámos há poucos meses, lutando corajosamente contra a sua fama de criminoso elegante e poderoso; esse Marquês suspeito que apeámos do seu pedestal aparentemente inabalável de pessoa influente na sociedade portuguesa — também tinha portas falsas. Por uma delas se esquivou êle à acção da justiça, que tardou em procurá-lo para o ajuste de uma parte mínima das grandes contas que êle devia à colectividade.

O BANDITISMO DOS COBARDES

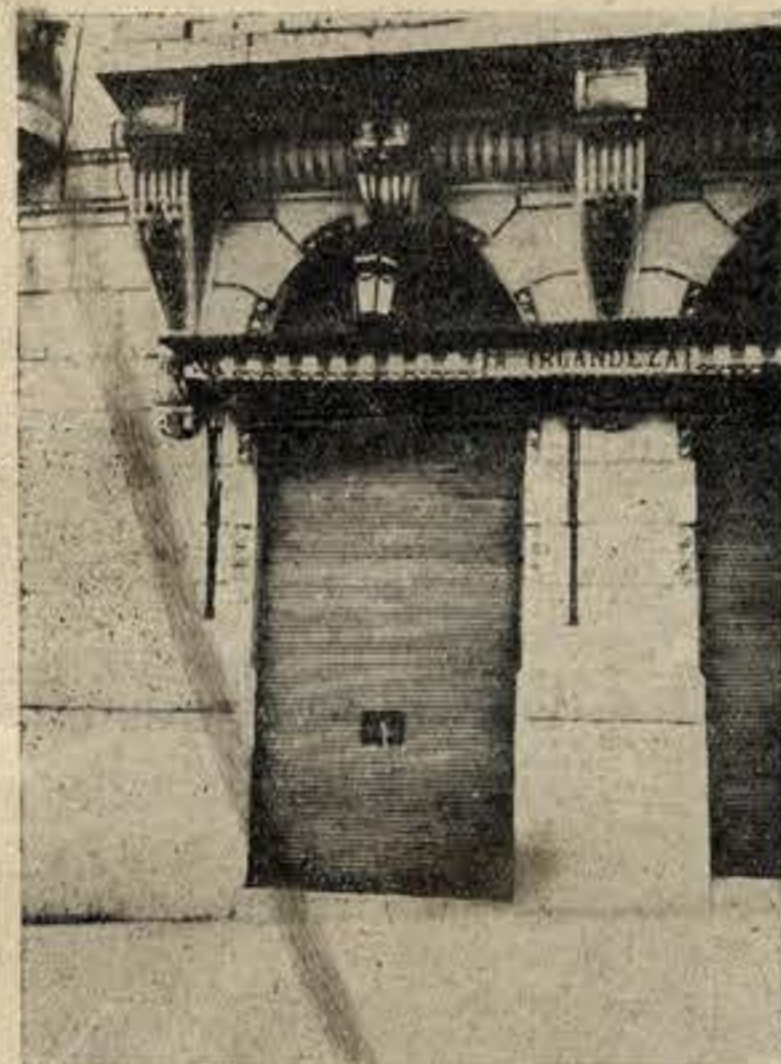
No *appartement* da Rua Eugénio dos Santos — *appartement* a que os jornais bem informados davam o nome grave de escritório — muita patifaria o Zé de Oliveira planeou, muita imoralidade praticou. Lá, possuía êle também uma porta secreta. Já o tínhamos denunciado há muito. Basta recordar agora a frase que escrevemos no nosso artigo de 11 de Outubro do ano findo:

«Por isso o sr. Marquês se resguarda melhor no seu ninho da Rua Eugénio dos Santos, onde o hymeneu secreto se oculta para lá de uma porta disfarçada por um espelho».

Era ali, naquêle *appartement* de portas falsas, que deveria esconder-se o bandido

que, por encomenda e disfarçado com barbas postiças, nos havia de agredir.

A existencia das portas falsas que o Marquês possui, tanto no ninho suspeito da Rua Eugénio dos Santos como na sua casa da Avenida da Liberdade, por onde fugiu, demonstra claramente as intenções dêsse arrivista que temia a cada passo vêr-se forçado a escapar-se preci-



«A Irlandeza», a célebre leitaria onde o Marquês vendia margarina por manteiga de Sintra

pitadamente à acção da justiça. Êle tinha a consciência dos crimes que praticava.

Se não fôsse nós arrostarmos com as ameaças dêsse homem, redobrando de energia a cada investida sua, ninguém teria tido a coragem de desconjuntar a sua organização miserável, uma organização que estendia os seus tentáculos até às fontes mais ricas e mais elevadas da sociedade lisboeta. Fômos nós que pusemos em foco a sua atitude canalha no caso das notas de quinhentos escudos em que êle quis envolver um advogado de cuja honestidade ninguém duvidava; fômos nós que contámos a história ignominiosa da sua vida dêsse as perversidades do banco da escola às manobras tenebrosas dos últimos tempos.

Êle quis subornar-nos, quis linchar-nos — e, por fim, caluniou-nos pela calada. Mas nós não lhe perdoavamos o ter julgado a nossa honestidade tão frágil como a dêle.

Nêsse tempo em que o seu poder, apesar de muito abalado por nós, ainda

era reconhecido pelos cobardes, havia quem nos admoestasse, em voz brandiciosa:

—Diabo, vocês exageram. O Sagres não é mau tipo...

Não era mau tipo, mas mandava-nos ameaçar pelo telefone, tentava amordaçar-nos por tôdas as formas — para que a verdade, a verdade agora bem patente e confirmada pela sua fuga rocambolesca, não aparecesse à luz do dia.

Agora, muitos dos que nos censuravam pela dureza do combate chegavam-se sorridentes, com o ar de triunfo de terem contribuído para a queda do monstro, abraçam-nos, exclamando:

—Parabens! Prova-se que vocês tinham carradas de razão. O Marquês era um bandido!

Era um bandido. Mas quanto banditismo não se oculta cobardemente na alma de certas pessoas honestas que o defendiam!

A QUEDA DO ARRIVISTA

Não podendo lutar comnosco em um combate leal e franco, o Marquês tomou o caminho das portas falsas, isto é, da



A chegada da mobília arrestada ao Tribunal do Comércio

calúnia anónima, rasteira, disparada da sombra como a facada do bandido vibrada em noite escura no peito do viandante desprevenido.

Êle socorreu-se de cadastrados a quem

(Conclui na pag. 15)

A notícia explodiu na imprensa mundial com rancos dinâmicos: Uma comissão civil do Governo francês encarregada da reconstrução de Verdun, ao embrenhar-se no labirinto trágico da mais cruel de tôdas as batalhas contou doze mil cadáveres — doze mil esqueletos por sepultar. E a notícia ecoou com tanta mais angústia quanto é certo que neste momento perpassa pela espinha dorsal do mundo um *frisson* de terror pelas guerras. Na literatura e na política, nos *films* e nos palcos, na ciência e na diplomacia, só o mesmo grito de protesto contra as guerras. E nada simboliza melhor a guerra do que êsses montões de lixo humano que são os cadáveres que a guerra vomita no seu próprio terreno. Quando, em 1922, a Espanha sofreu a inacreditável derrota infligida pelas hordas de Abd-el-Krim houve um quadro que um reporter espanhol Oteyza, o primeiro a chegar ao local, me descreveu e que eu não posso recordar sem sentir vergonha de pertencer à...

humanidade. Abandonados pelos oficiais e apenas entregues ao primo de Primo de Rivera, heroicamente morto em frente ao seu esquadrão, cinco mil sobreviventes refugiados no Monte Arruit caem numa cilada dos mouros e pagam com a sua vida, com a sua carne, com a sua dôr, entre atrocidades selvagens, a fuga do seu chefe. Só duas semanas depois o Monte Arruit é reconquistado pelas tropas espanholas, com as quais avança Oteyza, e eis o espectáculo que se lhe depara: cinco mil cadáveres mutilados, rasgados pelas adagas, despojados das roupas, enegrecidos pela decomposição, estendidos no tapete vermelho do seu próprio sangue coalhado e com as entranhas meio devoradas pelas aves de rapina, que, ao sentirem a aproximação dos vivos, abandonaram os mortos pincelando no espaço uma nuvem negra e sinistra.

Os cadáveres de Verdun estão enquadados em trágicos episódios. Como se sabe, foi entre os mortos de Verdun que a França diz que fechou os olhos para escolher o seu soldado desconhecido. A comissão encarregada dessa recolha e que levava nos lábios a frase solene de que tôdos os mortos pela França eram iguais, ao abrir a primeira cova, encontrou um cadáver negro do Senegal. Fechou-a rapidamente antes que vissem, e abriu outra; e nessa outra estava outro soldado negro do Senegal. Vinte covas abriram,

afastando umas das outras, e o destino a teimar sempre em apresentar sempre cadáveres de soldados negros do Senegal. Só à vigésima primeira cova a comissão encontrou um soldado branco, que é o que repousa hoje sob o Arco do Triunfo.

Quantas vidas enguliu a Grande Guerra? As estatísticas divergem. A mais modesta, que é francesa, calcula doze milhões. E as outras guerras? Alguns números, ao acaso, dum livro de Séverine, publicado com o título de *Les Horreurs de la Guerre*. O grande exército, em seis meses da aventura trágica da Rússia,



Os instrumentos da morte, da dôr e da miséria?

reduziu os seus 700.000 soldados a 33.000. As campanhas napoleónicas levaram oito milhões de vidas. A campanha da Crimeia 800.000 combatentes; 300.000 na primeira guerra com a Italia; 300.000 no duelo prusso-austriaco acabado em Sadowa; 500.000 na guerra da Sucessão; 800.000 na guerra franco-alemã de 1870, e 400.000 na guerra turco-russa. A guerra russo-japonesa no Porto Artur levou 60.000 vidas. E tudo para quê? Nem sequer o ódio, ou o amor pela glória, menos lógico e humano do que o ódio, se satisfaz, há muitos anos, no vampirismo da guerra. Hoje — é só a vil cubiça, a ambição, os ferros, os petroleos, os tecidos, que incendeiam as guerras, que causam as lágrimas e a dôr de milhões de almas, e *corpos* são em montões de estêrco...

R. X.

NOVELA POLICIAL

Director: REINALDO FERREIRA (REPORTER X)

PUBLICA-SE SEMANALMENTE

O "malandro" do Antonio Maria da Silva

A navalha da calúnia ao serviço dos patifes

DIZ-SE, em homenagem ao lugar comum, que a política em Portugal foi sempre uma coisa abjecta e indigna, raro tendo um vislumbre de beleza ou de grandeza moral. Eu acho, salvo o devido respeito, que este des-nível moral e mental não é exclusivo da nossa terra e da nossa gente, e que lá fóra os processos não são melhores, por vezes até chegando a tais paroxismos, no desbragamento e na infâmia, que os nossos são saquinhos de Carnaval recheados de serradura.

E note o leitor que isto é assim na republica-níssima França, na liberalíssima Inglaterra, na Rússia dos Sovietes, na America dos dólares, na Espanha dos frades, em toda a parte onde o bicho homem tem que mostrar-se tal qual é, atrevido e velho, egoista e mau, interesseiro e cretino.

O mundo divide-se em dois grossos volumes *in-folium*: os que comem e os que são comidos. No primeiro grupo formam avalanche os balões, e os sub-mediocres, com várias sub-divisões, desde o cretinoide presumido até ao baci-rabo videirinho. No segundo constituem terra de ninguém os ingénuos, os bem intencionados e os honestos, com seus orgulhos insubmissos. Claro que o primeiro grupo grimpa sempre sobre o segundo, ou pelos processos directos do bacamarte e da força, ou pelos processos indirectos, estereotipados na fábula eterna do lobo e do cordeiro.

Dal a política ser quasi sempre como um dia a classificou Junqueiro, em certa e dada altura da vida nacional, «uma bacanal de percevejos numa enxerga pôdre».

Há porém na política, cá como em toda a parte, o núcleo felizmente são dos que se sacrificam, dos que trabalham para o bem comum e são espingardeados, naifados, por todos os miseráveis rufias que se encobrem por detrás das esquinas do «Diz-se» e vão, cinicamente, como D. Bazilio e como Tartufo, insinuando torpezas, num *delirium-tremens* de patifaria que é da gente se espantar, mesmo depois de ter estoi-rado a corda de todos os espantos.

Lembre-se o leitor de boa memória de tudo quanto se dizia dos políticos da Monarquia e de tudo quanto se vai dizendo dos políticos da Republica e veja se eu não tenho razão neste engorgitamento de nójo que me sobe por vezes aos gorgomilos, ao contemplar certos «gabi-rús» e ao ouvir suas opiniões de sciência certa sobre a honra alheia...

Em Portugal, salvo raras excepções, quando aos nossos homens públicos se lhes não pode chamar Diogo Alves, chama-se-lhes Cabral Me-telo.

Uma das duas coisas. Por ser verdade? Não. Por ser preciso ao estofo miserável de certos safardanas dizer mal, emporcalhar o próximo, diminuir reputações.

Este caso que eu vou contar aconteceu comigo, uma tarde, aí por 1918, salvo erro.

La acesa em Lisboa a luta contra os democráticos. Os democráticos eram então o cabeça de turco, o bode espiatório, a barraca de pim-pam-pum onde todos os patifes nacionais exerciam o seu vil mistér de atiradores de 1.ª classe, acompanhados por alguns ingénuos idealistas, e acreditados por algumas pessoas de bem, esmagadas pelo infortúnio da mó-de-baixo.

Ser democrático, então, era pior do que ter sarna, mais perigoso do que atravessar, em pleno seculo XVIII, o pinhal da Azambuja.

Uma tarde, descia eu o Chiado em busca duma ideia ou de um acontecimento que me desse as duas colunas da praxe, quando, junto à Havanesa, um illustre Conselheiro da extinta Monarquia, homem ponderado e cauteloso,

ilustre por seus títulos, apegado ás velhas tradições como os mexilhões ao costado dos navios, me chamou, untuoso e sorridente, como quem tivesse na arca santa da sua honestidade



O Conselheiro, untuoso e sorridente: Você vai hoje fazer um artigo de escacha!

o verídico conhecimento, incontroverso e seguro, duma patifaria de alto contorno.

- Você já sabe, ó Mario...
- ?!
- Vou dar-lhe uma novidade de truz!
- Homem, diga lá!
- Você vai hoje fazer um artigo de escacha!

- Palavra?!
- Palavrinha?!
- Vamos a isso...
- Então escute. O «malandro» do Antonio Maria da Silva não fez o negócio das aguas de Rodam mas arranjou dinheiro para comprar um prédio por noventa contos... Hein!? Que tal?

— Você não diz nada? Você duvida?
— Mas ó Conselheiro, você tem a certeza disso?

— Absoluta. Se eu até sei onde foi feita a escritura!

- Homem! Isso agora é mais sério. Nesse caso você vai dizer-me quem foi o notário onde isso se fez.
- Sim sr.. Foi Fulano.
- E você não se importa de ir lá comigo?
- Para quê?! Já lhe dei uma «caixinha», agora o resto é com você.

Despedi-me. Eu não tinha ao tempo relações pessoais com o sr. Antonio Maria da Silva, de quem depois fui amigo e de quem ainda o sou hoje, amigo como os que sabem ser amigos, sem lhe dever outro favor mais do que o da sua amizade. Mas o caso era sério. A acusação era grave, e eu tive sempre um grande escrúpulo com a honra do próximo por me ter convencido, desde muito novo, que da calúnia, mesmo quando esclarecida, alguma coisa fica.

E fui ao escritório do notário que o illustre Conselheiro me apontara. Fui e não perdi o meu tempo.

- Viva. O que o traz por cá?
- Uma coisa simples. Pedir-lhe um favor.
- Você já sabe que se eu lhe poder ser útil...
- Pode. É apenas dar-me um esclarecimento.
- Diga.

— O Antonio Maria da Silva fez aqui uma escritura da compra de um prédio por noventa contos?

— O Antonio... Maria... da Silva... O Antonio Maria da Silva?...

Nisto o meu notário amigo dá uma palmada na testa e diz-me, tódo sorridente, por ter decidido a charada.

— Mas para que diabo quer você saber isso? Conte-lhe a historia. P—A—Pá Santa Justa. Disse-lhe das minhas dúvidas, dos meus escrúpulos. E logo éle:

— Pois diga ao sr. Conselheiro que se enganou. De facto houve um Antonio Maria da Silva que comprou um prédio, mas é apenas do mesmo nome do outro, e nada mais. Quem comprou o prédio foi o Coronel Antonio Maria da Silva...

Caf das nuvens. Vim, como um gamo, esbarfido, Chiado acima, e diante de toda a gente insultei o homem. Disse-lhe as ultimas. E se até aí tinha tódo o cuidado com o que me diziam para os meus artigos de escacha, daí por diante ainda redobrei de escrúpulos.

O conhecimento dos homens diz-me que, por via de regra, os «malandros», em Portugal, fazem-se assim. E ás vezes ainda pior. Este sr. Antonio Maria da Silva, que eu depois intimamente conheci e com quem convivi muito, era então «o das Aguas de Rodam», o que comprava prédios por noventa contos. E, afinal, toda a vida honrado e limpo, apenas de verdade se lhe podem atribuir alguns erros políticos. Inumeras vezes Presidente do Ministério, deputado, Administrador Geral dos Correios, era pobre em 1910, foi pobre de 1910 a 1926, e é pobrissimo em 1931.

Palavra de honra que não vale a pena ser gente num país de safados.

JOÃO PAULO FREIRE

CHYPROL

Desaparecimento completo
da caspa
Garante-se a sua eficácia

FARMACIA MORÃO

234 — Rua Augusta — 236

OS AVENTUREIROS INTERNACIONAIS DA AVENIDA PALACE



A CABADO o almoço obrigamos o nosso conviva a entrar no grande salão do «Avenida Palace» sob o falso pretexto de repousarmos um pouco. Falso pretexto porque o verdadeiro era pura e simplesmente o de sonharmos um pouco com as maravilhas cosmopolitas de que os hóspedes daquele hotel costumam deixar vestígios, impregnando a atmosfera com o vago mas inconfundível perfume do seu cosmopolitismo. Franceses loiros, antiquadamente elegantes, parisienses que recordam uma paleta de pintor na excentricidade da sua *maquillage* berrante, sul-americanos de ambos os sexos, palradores e exagerados no seu chiquismo *signé* Buenos Aires, Rio de Janeiro e Havana, ingleses, alemães, narizes aduncos de judeus eternamente errantes — mas errantes agora em *wagons-lits* ou em aeroplano —, diplomatas, financeiros, gente da alta banca e sobretudo gente sem nacionalidade certa, gente sem profissão firme, gente sem objectivo confessado e precisamente mais numerosa do que a outra. O nosso amigo, menos viajado do que nós, mas vivendo intoxicado nessa ânsia de conhecer o mundo que a literatura interna-

Do magistrado turco a Alves dos Reis — Os «brasseurs d'affaires» internacionais. — Mata-Hari, Delamarc, Dressner e ...
 — “muchos mas” —

da ruína e também iniciativas gigantescas, indústrias novas, pontes, bairros e arranha-céus. Está relacionado com o que há de melhor na alta finança, no alto comércio e até na aristocracia e na política...

— Bela colheita deve fazer — interrompem-nos — se a Polícia Internacional não o prender entretanto. — E como o nosso amigo esgazeasse os olhos de pasmo, esclarecemos: — Não seria o primeiro, não será o último, como não é o único que se encontra neste hotel, da mesma família social, com o mesmo projecto e com o mesmo passado. Vês aquele sujeito de olhos de aro de tartaruga que lê atentamente «La Vie Parisienne» como se fosse o «Times»? E aquele rapaz franzino, precocemente envelhecido, que refulge anéis? E aquele outro que passcia apreensivo germinando algum fabuloso negócio ou talvez a fôrma de não pagar a conta desta semana? Formam a legião ininterrupta dos aventureiros dos «Palaces». Desde que venho a este hotel os conheço sempre variados e sempre semelhantes. Chegam com a mesma elegância, com as mesmas joias duvidosas, com as mesmas pastas de couro, com as mesmas basófiás, com os mesmos planos, com as mesmas cartas de apresentação...; uma semana depois frequentam os gabinetes de directores de Bancos e Empresas; são acolhidos nas melhores famílias; criam à sua volta lendas de Messias salvadores do nacional pecado da pelin-trice. Picam com um sonho de grandeza inesperada todas as pessoas a que se acercam, o retrato aparece nalguns jornais, e um belo dia ou a polícia lhes deita a mão acusando-os de burlas graves ou se escapam deixando a gemer com dezenas ou centenas de contos os amigos e o próprio gerente do hotel. E quantas vezes os próprios burlados caem sob a suspeita da polícia precisamente porque a amizade de uns serviu de garantia a outros...»

eu ali conhecera perpassaram lentamente como num desfile *au ralenti*...

Recordei os anos de guerra... Um joalheiro russo, em cuja mala, em vez de diamantes e sa-firas, se anichavam planos de fortalezas e de entradas de portos. Recordei as duas bailarinas polacas, Niana e Wanda, duma condescendência amorosa suspeita, que todas as noites confiavam ao célebre «Homem do Aniz» o produto informativo das suas aventuras em troca de libras... sem ser de louça, que o «Homem do Aniz» expedia, por meio de anuncios nos jornais portugueses, para os seus patrões de Haya, e que um artigo meu, no «Seculo da Noite», alarmou, fazendo com que elas fugissem para Madrid, antes que a policia tivesse ordem para as capturar. Recordei o aviador Delamarc — o mais ousado burlão que a Italia produziu



«Avenida Palace» — o hotel-folhetim...

cional, os *films*, e até os bilhetes postais ilustrados, provocam nos espiritos imaginativos, sorvia aquela atmosfera na ilusão de se encontrar longe de Lisboa participando a existencia emocionante duma grande capital. Advinhando o que se passava na sua alma recordá-mos a ilusão das nossas primeiras entradas naquêles salões, quando, como ele, não haviamos ainda passado a fronteira. Súbito, atravessou o corredor um *gentleman*, de recorte teatral, de monoculo a faiscar, e uma histrionica expressão de pessoa importante. Um pouco de todos os cantos surgiam individuos sobraçando pastas, que tentavam abordá-lo entre salamaleques servis e sorrisos humildes. Para todos elle tinha um gesto protector mas nem sequer abrandou a velocidade da marcha. O nosso companheiro conhecia-o:

— É um grego ou talvez seja mesmo polaco embora haja quem diga que nasceu na Tcheco-Slovaquia, sendo filho de pai sueco ou dinamarquês e de mãe bulgara ou italiana. O que parece certo é que elle representa um grupo financeiro de muitos milhões de marcos ou de *dollars* — talvez de libras, visto que uns dizem que o grupo é alemão e outros americano e outros ainda inglês. Veio financiar varias empresas — fábricas paralisadas, Bancos à beira



Pelos cantos do salão agrupam-se sombras...

até hoje, que, fazendo-se passar como aviador de guerra francês até ao ponto de convencer a Legação de França, forneceu informações fantásticas aos espias alemães em Lisboa, ganhando uma pequena fortuna e enganando gregos e troianos. Uma tarde em que eu fora visitar a minha querida camarada Virginia Quaresma, que então vivia no «Palace», o falso aviador ofereceu-se-me para ser entrevistado. Não sei porquê, perguntei-lhe onde nascera. Em Bordéus, respondeu. Três dias depois novo encontro de acaso e, esquecido do que me dissera, falou-me de Marselha como terra em que vira a luz pela primeira vez. Já nas vésperas de eu publicar um artigo que o tornou suspeito, num terceiro encontro, declarou-se parisiense. Mata-Hari — enigma trágico de Vincennes —, que eu conheci em Lisboa e a quem tenho dedicado algumas páginas, no «Palace» se hospedou, e

(Conclui na pag. 18)

O "BAS-FOND" DA EMIGRAÇÃO O FALSIFICADOR DE PASSAPORTES



Um episódio antigo —
ção — A vertigem —
nista — Os carimbos
remessas humanas —
mana — Os dramas

Má cabeça-bom cora-
O cofre dum ilusio-
e as chancelas — As
O tráfico de carne hu-
secretos da emigração

dêle e o enjoulara: uma mulher. Essa mulher fora a tirana da sua existência, o verdugo sem piedade, a Cleopatra sem espírito... Depois de o inquisitoriar até o enlouquecer — acabara por fugir-lhe com o seu melhor amigo — um médico que ele levava a sua casa para a salvar da morte e que como médico se aproveitara da situação e da liberdade para o traír. Ele arruinara-se por sua causa; desprezara o trabalho; engolfara-se no jôgo buscando na electrocução das emoções violentas a anestesia para a sua angústia infernal. Alguem lhe confiara uma soma avultada para uma transacção qualquer... Uma noite, esgotados todos os recursos próprios — retirara do peculio alheio uma pequena nota a ver... se reconquistava o dinheiro perdido. O eterno circulo vicioso das ilusões... A primeira pequena nota seria facilmente restituída; mas como voara do tapete verde — ele arriscou uma segunda; e uma terceira... Ao ter a noção do que fazia — já se desfalcara numa dezena de contos... Veio a vertigem, o esbracejar do naufrago que no terror da morte e das primeiras asfixias apressa o mergulho fatal... E perdia, perdia mais, perdia sempre... Quando o sol, como um intruso, se filtrou, de repente, pelos stores da sala afagentando os últimos noctívagos — ele sentiu um arripio arrancar-lhe o dorso... Restavam-lhe umas notas de mil escudos... Levantou a gola do sobretudo, desabou as abas do chapéu, e como um embriagado caminhou — caminhou à toa... Por fim — encontrara-se frente a uma estação... Tomou o primeiro comboio... O comboio conduziu-o à fronteira... Esteve em Espanha umas semanas, numa desorientação imóvel, passiva, cadavérica... Despertou quando a policia, alertada pelas notícias dos jornais portugueses que tratavam, há muito já, daquêle desfalque e daquela

deravam um ladrão... E como era inteligente, escolhera como refúgio uma pensão burguesa, dando um nome falso e comendo no quarto, para evitar encontros, sob o pretexto de se encontrar doente. Entretanto o sofrimento desintoxicara-o um pouco, fisica e moralmente... Picara-se de novas esperanças... Planeava uma fuga para o Uruguay, onde não existem tratados de extradição e onde ele havia de trabalhar honradamente, livre dos prazeres que matam e das paixões que envenenam, de refazer a sua vida — sobretudo pagar, pagar a quem devia... Mas não quisera partir sem me abraçar — quem sabe se pela última vez — e por isso pedira a V... para me procurar. No meio do seu optimismo, palpitava a asa negra dum pressentimento de mau agouro... E o pressentimento cumpru-se. Esta scena foi em 1927...



fuga, lhe veio pedir documentos. Que não os tinha ali... Que os ia buscar a casa de um amigo... Ei-lo de novo a fugir, a passar a fronteira pelos tortuosos caminhos dos contrabandistas... Entrou no Porto, de madrugada. Tinha amigos, amigos fieis, leais, que não o abandonariam nem o consi-

Três anos depois, quando ele fechava dignamente a ogiva da sua nova existência e liquidava a sua dívida de honra — a morte levou-o, longe da pátria, longe dos amigos, abraçando talvez o retrato daquela mulher que fora a causa do seu calvario... V... deixara-nos sós; e na confiança que êle

depositava em mim, contou-me o seguinte episódio:

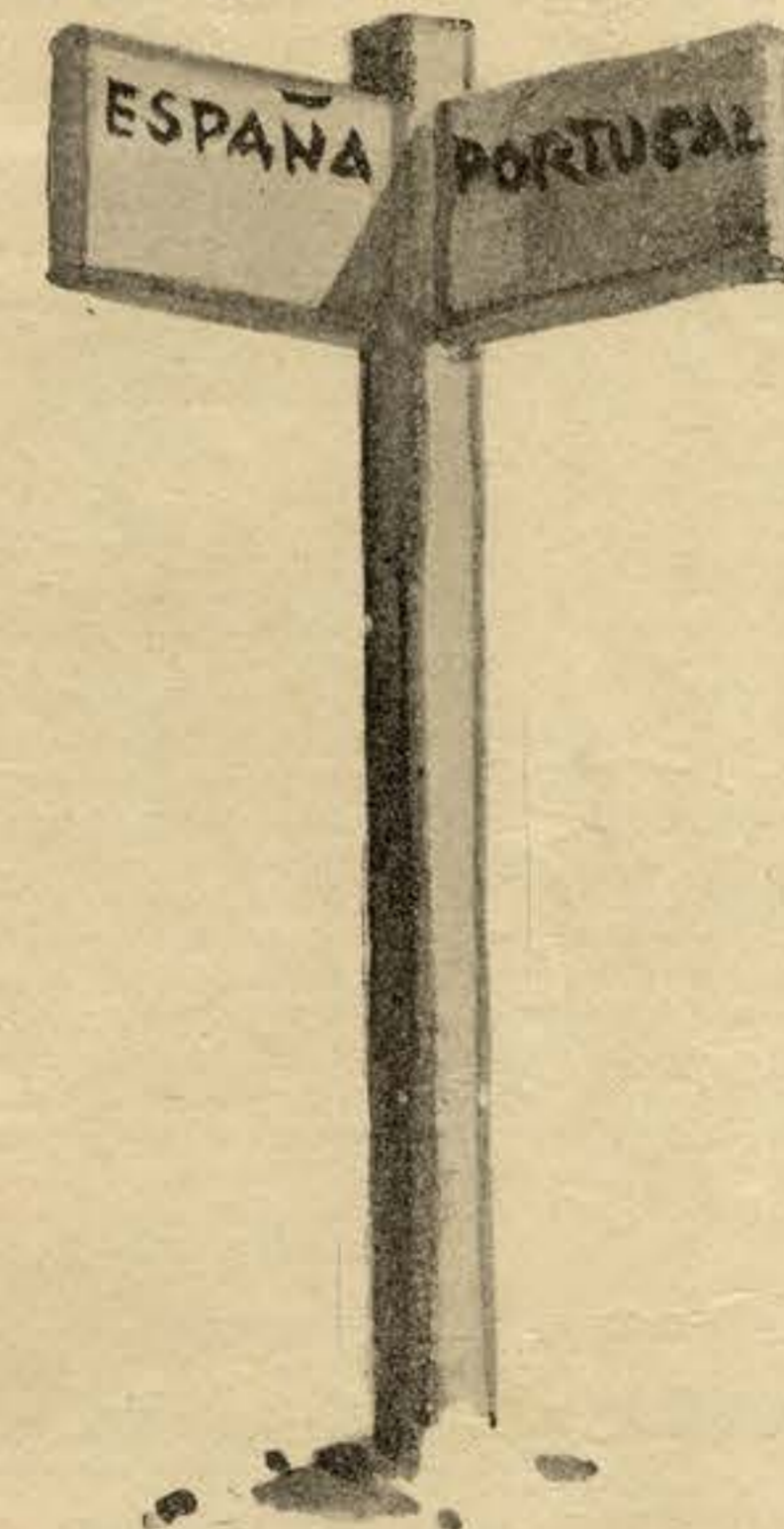
«Havia poucas horas que eu me refugiara nesta casa quando dois dos amigos a quem eu me revelara, vieram, cada um por sua vez e com pequeno intervalo do outro, segredar-me que tinham sido procurados pelo mesmo sujeito que, com prudência e pés de lá, lhes insinuara idéntica proposta: «Sei que você é amigo de Fulano... Consta-me que Fulano está no Porto... Naturalmente Fulano pede o vosso auxílio... Se assim for diga-lhe que onde ele pode estar tranqüillo é no Uruguay, no Equador, na Columbia e mesmo na Argentina... Caso ele queira, chame-me, que eu não só lhe arranjo passaporte como o meto a bordo do navio que o há-de levar á America».

«Agarrei a proposta com sofreguidão de agonizante e o homem veio falar-me. Tornou a garantir-me a limpeza no trabalho, jurando-me que até hoje e em cinco anos de officio (?) nem um só dos seus protegidos caíra nas mãos da policia... Perguntel-lhe qual o custo dêsse trabalho — porque, como já disse, estou vivendo graças a um grupo de amigos que me quer salvar e precisava dizelhes... o preço da minha salvação. Sorriu-se e preveniu-me: «E' caro... mas vale porque, palavra, ninguem o faz melhor do que eu... E' obra asseada... Oito contos — fóra a passagem...» Aceitei. Que remédio! Estou á espera dêle... E' um esperalhão. Terás interesse em assistir á entrevista — e escuso de pedir-te discreção. Sei que... só se eu morresse é que tu contarias o que vais ouvir e... ver. Portanto, apresento-te como um dos amigos que me fornece o dinheiro...»

O especialista da falsificação dos passaportes era um homem alto, forte, bem cuidado, por vezes com sotaque galego, que êle disfarçava, um ar de operário norte-americano enriquecido — colarinho yankee, laço yankee, fato yankee, charuto gigantesco aparafusado nos lábios grossos, anéis, muitos, demasiados, a refulgirem nas mãos papudas. Não suspeitou de mim. Quando o fugitivo lhe perguntou pelo passaporte, êle num tom de superioridade disse que... não se impacientasse... Pouco depois a creada da pensão veio trazer um volume, embrulho rectangular... «E' para mim...» — frisou o especialista dos passaportes; e explicou: «E' preciso mil precauções. Eu nunca tenho comigo o material de trabalho... e a pessoa que o guarda nem de longe sabe o que está dentro dêsse cofre que eu fecho com cadeados de máxi-

ma segurança. Quando preciso dêle previno essa pessoa para que o leve a casa do cliente, onde eu chego sempre primeiro do que o cofre para... vêr se o cofre pode aparecer. Entretanto essa pessoa é vigiada, desde a sua residência até á casa do cliente, por um empregado meu que êle não conhece e que ficou lá fóra... Terminado o trabalho guardo o material, fecho os cadeados e saio; cinco minutos depois vêm-no buscar e é conduzido ao mesmo local donde veio, sempre sob a vigilância discreta do meu empregado. Desta forma nunca posso ser surpreendido...»

O cavalheiro puchou um pouco pelas mangas, como um prestigitador, manobrou os três cadeados do cofre, abriu-o e ei-lo a arrancar carimbos, selos brancos, selos coloridos, chancelas, papéis, impressos, frascos de tinta de várias côres, canetas, várias caixas de aparos, um bric-à-brac completo. Em seguida desembolsou um minúsculo



livro de capa de oleado a transbordar de apontamentos em letra amissangada.

«Muita gente chama-me careiro — mas ignora o capital que tenho empatado neste negócio e o que representa o meu orçamento mensal de despesas... Posso carimbos, selos brancos, todo o

material idéntico ao dos principais consulados e ao do Governo Civil. Mandei-o fazer no estrangeiro, muito longe de Portugal, para não despertar suspeitas, por um preço pesadíssimo, porque o silêncio dos fabricantes também custa dinheiro. Só em carimbos gastei já perto de 10.000 marcos (o que vale confessar que foram feitos na Alemanha). O mais custoso de tudo são as gratificações representadas neste pequeno livro de oleado.

«Em cada consulado, e mesmo em certas repartições, descobri a forma de estar em dia com a numeração de registo de documentos e passaportes, a fim de que os meus passaportes não possam nunca chamar a atenção da policia por qualquer erro dessa mesma numeração, modelos de impressos que por acaso sejam substituídos e que me obriguem a substituir os meus também... Tudo isto, repito, custa-me os olhos da cara, mas graças a D.us faço obra asseada.

Começou então a falsificar passaportes em folhas iguais ás do Governo Civil, num verdadeiro ilusionismo de nomes falsos, carimbos falsos e assinaturas falsas. Eu estava de veras surpreendido com a perfeição daquêle cavalheiro... Nesta altura o meu amigo cometeu uma imprudência que felizmente não teve consequências: — «Quem havia de gostar de asistir ao seu trabalho era o «Reporter X»... O cavalheiro encolheu os ombros e respondeu apenas: — «Dessa estará êle livre».

A ESTATÍSTICA DAS FALSIFICAÇÕES DE PASSAPORTES

Na manhã seguinte, soube-o depois, um automovel veio buscar êsse meu pobre amigo quando o sol arrancava os primeiros réverberos dos telhados mais altos. Dentro dêsse automovel iam já, além do falsificador, um sujeito quarentão muito embuçado, um rapazola quasi imberbe, trajando com uma elegância pretenciosa, e uma dama de beleza gasta e olhos vermelhos de pranto recente. Todos êles espelhavam uma expressão idéntica á do meu pobre amigo: os mesmos olhares obliquos, ansiosos, assustadiços, as mesmas crispações de angústia mal contida...

O rapazello cometera um desfalque; a dama dos olhos vermelhos ia ter com o marido, que devia tomar o lugar no «auto» a meio do caminho, em Braga ou em Guimarães, onde se refugiara, e que fugira, também... por ter cometido um desfalque. — «Desta vez são poucos — segredou o falsificador, que era quem guiava o carro. — A remessa anterior era de doze, fiz dois carregamentos.» Conhecedor de todos os alçapões da fronteira saíu de Portugal e entrou na Espanha sem a menor dificuldade. Os documentos estavam todos em ordem. Os carabinieri nada podiam fazer... Além disso todos êles eram amigos daquêle generoso cavalheiro. Uma vez em Espanha rodaram em linha recta em direcção ao cais de Vigo onde já os aguardava um escalor que os conduziu a bordo do transatlantico com rumo ao Rio La Plata. Estavam salvos!

Êste episódio abriu-me o apetite e obrigou-me a pesquisar. Raro era o mês em que o falsificador não exportava para os países americanos uma boa dúzia de fugitivos. O calculo fazia-se facilmente len-

(Conclui na pag. 18)

Nessa época encontrava-me no Porto; e uma noite — em Setembro ou Outubro de 1927 —, ao chegar ao meu improvisado *appartement* da Rua de Santa Catarina, fui surpreendido pelos vestígios de numerosas visitas e comunicações telefónicas em que o mesmo indivíduo, exibindo as pressas de quem vê um parente a caminho da força, solicitava um encontro comigo. O nome não me era estranho: pertencia a V..., um môço de boas famílias portuenses com quem, até então, mantivera apenas um trato de «café». Intriguei-me e durante o jantar esbanjel hipóteses sobre hipóteses sem acertar com qualquer que explicasse aquêle pequeno mistério. Na altura da sobre-mesa retinui uma campainha... Era êle. Vinha pálido e trazia nos olhos o reflexo das grandes emoções... Num esforço, cochichou-me ao ouvido: «Perdôe-me... mas preciso falar-lhe... sem testemunhas.» As pessoas que compartilhavam do jantar e ás quais a confidência de V... não passara despercebida abalaram da mesa, afectando afazeres fóra da sala... E uma vez só comigo — explicou-me o segredo da emoção. Compreendi-o e, ao mesmo tempo, admirei-o; e, rápido, enfiei uma *gabardine* e deixei-me guiar, silenciosamente, por êle através um dedalo de ruas sombrias e desertas...

A «CABEÇADA»

Atrevessámos um dos bairros mais pacatos do Porto. V... parou frente a uma porta e premiu um botão. A porta abriu-se. Uma creada uniformizada á inglesa, ao reconhecer o meu *cicerone* limitou-se a uma saudação sorridente, afastando-se logo, como se êle fosse da casa... Subimos cinco degraus que conduziam ao rés-do-chão... Chegava até nós o ruído de muitas conversas orquestradas num mesmo tom; o tilintar de muitas pratas; o hálito mórno de cozinha de *restaurant*... Ao longo do corredor, marginando-o, havia portas encimadas com números... V... tamborilou com os dedos nalgumas delas. Vieram espeltrar, á cautela... Entrámos, de esguelha e rápidos...

Le pé, á nossa frente, envergando um pijama de seda, estava um rapaz baixo, magro, precocemente calvo, de rôsto cuidado, escanhoado, de olhos inteligentes, pestanudos, fatigados; os lábios pálidos, estigmatizados pelo rictus inconfundível de várias intoxicações crónicas... Abraçámo-nos, comovidamente. Oprímia-me, silenciava-nie o pudôr de lhe falar do seu drama. Foi êle, sentando-se á beira do leito e fazendo-me sentar a seu lado, quem me resgatou daquêle embaraçoso mutismo em que me encontrava, desabafando, repetindo o que eu já sabia pelos jornais e pelas conversas e revelando-me os detalhes que ignorava.

A sua história, infelizmente, é quasi banal em certa zona humana; e só o seu espirito brilhantissimo e a sua alma generosa e leal é que lhe davam originalidade... Independente desde criança quasi, nascido numa praia mundana onde os vícios nocturnos e secretos das grandes cidades gozam de armistício e são permitidos a toda a gente e a todas as horas; dispondo de rara vocação para os negócios, ganhando pequenas fortunas sem grande esforço — deixara-se arrastar pela sêde de todos os prazeres... Durante muitos anos, queimara-se num auto de fé continuo, desenfreadamente ansioso de beber a vida... Mas todos os seus vícios eram dêbels perigos comparados com aquêle que lhe surgira um dia e que se apossara

Um dos grandes enigmas do Angola e Metropole

"Chantages"...

Um sr. Vasconcelos que queria viver de graça — graças ao «Reporter X»

O folhetim, por acabar, da célebre e esquecida 3.^a emissão — Curiosas revelações de um reporter que conhece a fundo o processo

ESTAMOS certos de que ainda vive no espírito público todo esse folhetim que foi o processo Angola e Metropole, que durante meses esgotou onze juizes e que é um dos mais complexos que têm passado pelos tribunais do mundo. Se é certo que, durante esse tempo, policia, justiça, advogados, testemu-

... e paciência para folhear aquela mole de papel, não encontraria mais que pequenas referências ao assunto, e estas estão longe de ser uma resposta. Esta dúvida serviu aos patronos dos réus para tirarem partido e fazerem acusações que não ficaram de pé e não podiam ficar, por serem inverosímeis. Alves Reis também não foi... Se alguma dúvida existisse sob a acusação feita contra certa entidade — bastaria o julgamento de Londres para a desfazer.

Arredadas as hipóteses de Alves Reis e a outra, temos que reflectir sobre quem a poderia realizar. Vejamos... Só a poderia fazer quem, conhecendo a primeira burla, se aproveitasse da confusão para fazer notas por sua conta e põ-las a circular juntamente com as que foram emitidas por Alves Reis, Marang & C.^a E quem conhecia a burla? Primeiramente Waterlow. Depois Romer, o caixeiro-viajante da firma londrina, que recebera o telegrama dizendo-lhe que «não se mexesse», e por último a firma Welcher, do Largo do Corpo Santo, associada e representante em Portugal da casa de Londres. São estas, pelo menos, as pessoas que estavam no «segredo dos deuses» — sem que isso significasse uma acusação da minha parte. Waterlow foi pôsto de parte, logo às primeiras, quando foi arredado do processo-crime. Assim, por exclusão de partes, temos Romer e os comerciantes do Largo do Corpo Santo, de quem Romer era também associado. A policia, que nunca pôde defrontar estas hipóteses porque logo viu a inutilidade dos seus esforços, realizou ainda algumas averiguações, mas desistiu pouco depois pelas dificuldades financeiras que significava uma viagem a Londres. No entanto concretizaram-se suspeitas, avolumaram-se indícios que podiam conduzir a um fim interessante... como poderiam conduzir a um insucesso.

A firma do Largo do Corpo Santo liquidou à pressa, vendendo o que possuía ao desbarato, e os seus sócios seguiram misteriosamente para Inglaterra — tão misteriosamente que quando a policia os procurou já não encontrou... O certo é que nunca mais apareceram.

E Romer? Este desapareceu também do nosso país, tão precipitada e habilidosamente que nem os que o vigiavam o viram partir. Segundo consta no processo, êle leva, em Londres, uma vida de nababo bruscamente enriquecido... E nada mais sabemos sobre essa misteriosa terceira emissão...

COSTA JUNIOR



REPORTER X

ENCONTRA-SE À VENDA EM TÓDOS OS PRINCIPAIS QUIOSQUES E TABACARIAS



CUSTA-NOS muito, a-pesar-de sabermos por experiência que quem o inimigo poupa nas mãos lhe morre, sermos obrigados a condenar seja quem for à pena dum degrêdo moral, na Guyana do Index público. Mas, senhores, a desvergonha de certos amoraes atinge por vezes tão grave ameaça para a honra alheia que absolvê-los, mesmo pela mais lógica piedade, se torna um sadismo a que não temos direito de nos sujeitar porque não somos sádicos. Só quando o indivíduo se torna peigoso para a colectividade é que nós usamos de toda a coragem de que, felizmente, fomos dotados, para o desmascarar — muitas vezes ante os sorrisos amarelos dos covardes que o temem ou dos cúmplices que nos caluniam de... caluniadores. E se sacrificamos a nos a piedade em favor dos



outros — porque não a sacrificar em nosso favor também? Foi esta razão de legítima defesa, da defesa do mais sagrado em homens que o sejam de facto — que é a sua honra e a sua reputação pessoais e profissionais —, que nos levou a não silenciarmos por mais tempo o nome do sr. Alvaro de Vasconcelos, que já por duas vezes riscámos em artigos de acuação, a poupá-lo, mas cuja insistência nos vexames provocados pela sua falta de escrupulos não permite o continuarmos a apiedar-nos...

Conhecemos o sr. Alvaro de Vasconcelos no Porto, num camarim dum artista de categoria, do Sá da Bandeira. Mais tarde vi-mo-lo na redacção do A B C. Um dia visitou-nos a solicitar trabalho. Não nos era possível satisfazê-lo e êle então propôs arranjar-nos publicidade em Coimbra, explicando-nos que partia para aquela cidade no «auto» dum amigo. Todos os jornais aceitam publicidade, vulgo, anúncios — desde que seja legal. Porque não havíamos de aceitar a do sr. Vasconcelos? Pediu-nos um cartão de agente solicitador de publicidade — um cartão idêntico ao que nós e todos os jornais passamos aos agentes da provincia. O *Seculo* deve ter uns 500 neste género; os outros jornais, centenas também. O sr. Vasconcelos partiu — e nunca tivemos noticias do sr. Vasconcelos — nem memória para o recordarmos. Temos tanto que fazer! Passado tempo recebemos uma carta dum hotelheiro de Coimbra a pedir-nos que pagassemos a conta dum *reporter* nosso, que estava devendo há semanas. Pasmámos! Quando os nossos *reporters* saem de Lisboa — levam, à larga, a verba das despesas; mas naquêle momento estavam todos aqui. Solicitámos detalhes, e soubemos então que o tal sr. Vasconcelos, passando, rápido, pelos olhos alheios, o cartão de agente de publicidade, aproveitando o facto de termos publicado um artigo dum sr. Vasconcelos, e intitulando-se *reporter* do *Reporter X*, vigarizava a tôrto e a direito, encomendando fatos, bebendo *Champagne*, não pagando nos hotéis, caloteando todos, *encostando* todos — sempre com a desculpa de que o seu jornal estava para mandar-lhe dinheiro... que não chegava nunca — pudera! E como êste abuso continua, e como existem cavalheiros que seguram pelos cabelos o menor pretexto para nos caluniar, como se nós fôssemos capazes de nos sujarmos desta forma ou de recrutar... burlões para o nosso serviço — declaramos em alto e bom som que o tal sr. Vasconcelos, cujo retrato publicamos não é, não foi... nem será nunca nosso *reporter*, que nada lhe devemos, que nada temos com as suas faltas de palavra. Entendidos, srs. caluniadores?



Waterlow, um dos mistérios vivos e por decifrar do Angola e Metropole

nhas, tentaram tirar muita coisa a limpo — não é menos certo que ficaram muitos mistérios por esclarecer, como gigantescos pontos de interrogação desafiando, pelos anos fóra, a perspicácia de todos...

Por exemplo: De quem era a casa em que foi preso José Bandeira quando êste, com a mala recheada de libras, francos, marcos e liras, se preparava para fugir, casa essa onde nunca se fez uma busca e cujo dono nunca foi incomodado? O desembargador da Relação sr. dr. Luís Vicente Gomes, quando depondo como testemunha, declarou que o processo do Angola e Metropole muito se assemelhava ao *Rocambole*, estando por historiar, investigar e instruir, acabando por o classificar de «patifaria maior que a própria burla.» Isto foi dito no tribunal e veio a público! Tão grande foi a impressão causada por essa frase que os jornais da manhã do dia seguinte — com excepção das *Novidades* — ignoraram o nome e o depoimento do violento juiz...

Se era esta a opinião dum dos juizes que na Relação tinham estudado o processo famoso, que admira que nós digamos também que no Angola e Metropole há ainda muito ponto escuro por aclarar?... Outra pergunta que não logrou ainda resposta: «Quem realizou a terceira emissão das notas de 500\$00, chapa 2, tipo «Vasco da Gama»? A primeira emissão foi feita pelo Banco de Portugal — era a legal. A segunda foi a obra de Alves Reis — confessou êle —, levando-o à Penitenciária. E a terceira, quem a pôs a circular? Quem lhe arrecadou os lucros? No processo, quem tivesse tempo

OS FANTASMAS DA BAIÁ

Os mistérios do mundo invisível — Uma invasão de espectros amáveis, que adoram as crianças e dão presentes de frutos — O que ouviu um fazendeiro do Brasil e o que ouviram alguns dos seus filhos — Um exército invisível e o seu acampamento

Um espantoso caso passou-se no Brasil, no ano de 1734, reinando D. João V. Habitava então no interior pernambucano, em Serra Limpa, um lavrador por nome Manuel Lopes Cabral, casado e com filhos. Era probo, bom chefe de família, gozando tranquilamente de sua fazenda povoada de gado. Fizera-se a si próprio, à custa de economia, inteligência e actividade. Nos

cavalaria que se afastava da margem do riacho. Não viam mas ouviam.

O que era invisível para as crianças do mato não o era, todavia, para as que, mais novitas e, portanto, menos acessíveis ao pudor que desponta nos adolescentes, tinham ficado junto da roupa

Puseram-se a caminho. As meninas que viam entraram numa casa que os outros não viam, mas todos ouviam a festa que lhes faziam. E as meninas que viam e ouviam colheram no ar açafrões cheios de ovos e pães, que entregaram ao pai, que os recebeu espantado, espavorido, a tremmer...

O homem mais animoso desfalece perante o perigo que não vê mas sente... Como se há-de defender se não sabe de que lado está o inimigo nem que golpe éle vai despedir? O sr. Cabral sentiu-se, pois, dominado pelo terrôr do desconhecido. Gente que se não vê... gente que se ouve... cousas que andam no ar, subindo e descendo... Tudo isto era, por força, obra do Inimigo. O Diabo fazia das suas... Mas éle, o fazendeiro, era bom cristão, estava em paz com a sua consciência e ia dar uma lição ao próprio Satanaz. Mãos à obra! E foi dito e feito...

Resolveu o fazendeiro enviar um presente a Belzebuth — um mimo delicado, que atraísse o olhar do Anjo Maldito. E confeccionou, com cuidado, um excelente queijo, tendo dum lado desenhada uma grande cruz e do outro... um signo-salmão. Por força que o Diabo não poderia resistir! O Cão-Tinhoso, o Porco-Sujo seria dominado! Levaram as meninas o queijo aos invisíveis, que residiam na tal casa invisível. O pai, um pouco atrás, oculto pelas árvores, não perdia de vista os filhos e ouviu tudo que se dizia. Viu entregar o queijo que ficou suspenso no ar e foi seguindo até um ponto onde desapareceu, como se tivesse sido conduzido por mãos, para o fazendeiro absolutamente invisíveis. Ouviu depois muitas gargalhadas e uma voz, que entre risos, dizia às crianças:

— O vosso pai julga que nós somos coisa do Diabo. Dizel-lhe que tenha juízo, que é do que éle precisa. Não somos demónios nem coisa que



tempos difíceis da mocidade estivera ao serviço do capitão Bernardo Viçion de Melo, homem de influência, alguma coisa rico; e este capitão Melo afeiçoou-se ao servo, deu-lhe apoio de dinheiro e crédito por forma que em 1734 o Manel Lopes Cabral tinha conseguido construir o seu lugar ao sol. Ora um dia...

CHEGAM OS EMBAIXADORES DOS INVISÍVEIS

Em certo dia iluminado de sol quente e batido de branda viração, foram até à margem dum riacho, que belja as fraldas da Serra Limpa e que dista da fazenda de Manuel Lopes Cabral não mais que uns cem metros, quatro filhos do fazendeiro, portadores de roupa para lavar. E dispunham-se a começar o trabalho quando viram trotar na direcção do riacho dois cavalos bem ajazezados, montados por homens com mulheres à garupa. E como quer que o tropel fôsse grande, as crianças viram mais, marchando a pé e logo a seguir aos cavaleiros, uma mulher negra, que se adornava com um cõco de prata ao pescõco, uma india tapuya e ainda, mais atrás, outros cavaleiros seguidos de homens armados. Enfim e em resumo, um pequeno exército, ao qual não faltava a impedimenta de rédes e utensílios vários. E aconteceu que duas das crianças, que já eram crescidas ou, pelo menos, já não eram de idade inocente e sem malícia, se envergonharam da semi-nudez em que estavam e correram para o mato próximo, que era denso e alto, e de lá se puseram a espertar os recém-chegados, tão inesperadamente surgindo em tão ermo sitio.

ONDE COMEÇA A DESENVOLVER-SE O MISTÉRIO

De repente, tudo desapareceu da vista das crianças que estavam ocultas no mato. Os cavaleiros, a negra, a tapuya, toda a comitiva ficou invisível. Apesar disso, continuaram a ouvir o tropel de

que lavavam. Essas duas viam e ouviam, enquanto que as outras somente ouviam, mas nada viam. Estranha coisa esta: o que era visível para uns não o era para outros!

Quis a mulher de cor a que fizemos referencia ajudar a lavagem da roupa, favôr que as meninas que viam e ouviam prazenteiramente aceitaram, satisfeitas por se verem aliviadas dum trabalho que, para tão tenras idades, é sempre exaustivo. Enquanto a roupa, torturada pelas mãos fortes da negra, ia clareando, conversavam todos em cordialidade, entremeando as meninas que viam e ouviam a palestra com graças e jogos infantis. Certo é, porém, que as outras crianças, as que estavam ocultas no mato, não viam a negra, mas viam a roupa ser agitada no ar, mergulhada na água e batida nas pedras e ouviam tudo quanto se dizia na margem do riacho. Ouviam tudo, mas não viam tudo. Como explicar tal fenómeno?

Quando as quatro crianças recolheram à residência paterna, tudo contaram aos pais, umas o que viram e ouviram, outras somente o que ouviram. O sr. Manuel Lopes Cabral ficou sem perceber patavina de tão estranha embrolhada. Podia lá ser! Ou as crianças mentiam ou estavam maluquinhas. Interrogou-as com espezteza, para se tirar de dúvidas e apurar a verdade. Fez perguntas insidiosas no intuito de surpreender contradições e invenções. Mas não conseguiu nada de geito. A narrativa era sempre a mesma, tanto das crianças que viram como das que só ouviram. E então o sr. Lopes Cabral concluiu... Não concluiu, nada, na ocasião. Mas resolveu intervir.

Voltaram os filhos do fazendeiro, no dia seguinte, ao lavadoiro e os dois que viam logo disseram ao pai, que os acompanhava:

— Lá estão eles! Acolá, na margem...

E apontaram com os dedinhos. Mas o sr. Cabral não viu nada e as outras crianças também não. Mas todos ouviram vozes. Ouviu o sr. Lopes Cabral que lhe pediam licença para as crianças visitarem a casa onde residiam os invisíveis, ali perto. O homem, que era animoso, disse que sim, mas que também iria. E ouviu a resposta:

— Pois venha, que nos dá muito gôsto!



se pareça. Somos bons vizinhos. Que não tenha medo de nós, nem de outros que estão para chegar.

E as meninas que viam e ouviam perguntaram:

— E que virdes vós fazer a estes sitios?

— Fundaremos aqui uma grande cidade.

Ouviram todos, então, grande tropel de cavala-

(Conclui na pag. 15)

O MISTÉRIO DA "GRANDE BERTA"

Homens & Factos do Dia

LADRÃO POR AMOR

(Continuação da pag. 5)

Com efeito, a seguir aos primeiros ruídos dos *claksons* sucediam-se zumbidos dos motores. Uma caravana de «autos», sem faróis para evitarem ser vistos pelos aviões aliados, parou á entrada do bosque.

Balmère aproveitou a ocasião para descer da árvore e misturar-se com a comitiva, mas guardando sempre uma prudente distância.

Os oficiais da bateria julgaram-no como pertencendo ao numerosíssimo séquito do *Kaiser*, enquanto os do séquito o julgavam como sendo da bateria. Assim, pôde vêr os projectéis e, afastando-se um pouco, tomar os necessários apontamentos sobre o lugar e dimensões do canhão e outros detalhes interessantes que fixou nuns rápidos «croquis» no seu caderno de notas.

Como o *Kaiser*, com uma curiosidade inesgotável, pedia pormenores dos mínimos detalhes, visita prolongou-se tanto que deu tempo a Balmère para sair do bosque e dirigir-se aos carros, onde ninguém vigiava, pois todos acompanhavam o Imperador. Uma ideia arrojada cruzou a sua mente: roubar um dos automóveis. Assim o fez, dirigindo-se a toda a velocidade para as trincheiras. Perto da zona de fogo, abandonou o carro na estrada e, atravessando a pé o campo enlameado, entrou na primeira trincheira alemã que encontrou. Uma vez all dentro, apresentou-se ao oficial do destacamento pedindo-lhe que o admitisse até que o combate terminasse, para poder depois seguir para o seu regimento, que não encontrou no lugar que lhe tinha sido indicado ao regressar da licença, pois tinha sido deslocado e mandado a outra zona que elle desconhecia.

A sua documentação admiravelmente falsificada e o seu alemão sem sotaque ajudaram-o a que fosse acolhido com affecto mesmo.

Duas horas depois, aproveitando o descuido dos soldados, Balmère saltou da trincheira dirigindo-se aos seus com gritos desesperados:

— «Kamarade! Kamarade!»

A chuva de balas não importava. Morrer, sendo útil, é um dever. Attingido por duas balas, uma no peito e outra numa perna, Balmère caíu, e ferido, em sofrimentos atrozes, passou o resto da noite. Por sorte, os franceses, que avançaram um pouco, chegaram junto d'elle, mas já era tarde. O herói tinha perdido a fala. Agarrando-se a um soldado francês, com gestos, pediu lápis e entregou-lhe o seu caderno de notas, na capa do qual estava escrito o seu nome. *O poilu*, que se apercebeu de que se tratava dum oficial francês, levou-o nos braços para a ambulância; mas, antes de all chegar, o herói expirava nos seus braços.

Pelo caderno de notas, trazido pelo soldado, pouco depois o comando soube onde estava a «Grande Berta», que já no dia seguinte foi, pela aviação francesa, bombardeada de tal maneira que teve que suspender o fogo por varios dias e ser transferida para outro lugar.

O cadaver do capitão Balmère levou para a sepultura a Cruz da Legião de Honra, ao mesmo tempo que na ordem do dia o Alto Comando rendia homenagem á sua memória em comovedoras palavras:

— «Morreu pela França, digno d'ella!»

M. G.

condenando nestas mesmas colunas o proceder de um mau médico que abandonava um enfermo ás garras da morte, exalçava a abnegação de outro que oferecia o seu próprio sangue para salvá-lo.

A carta, julgando-me e condenando-me como inimigo dos médicos, erro, porque eu sou apenas inimigo dos maus médicos, daquêles que reduzem a sua missão essencialmente altruista ás proporções acanhadas de um negócio, daquêles que defendem um projecto de lei comercial, repugnante, como o que há dias appareceu na imprensa, que outro objectivo não visa senão o de chamar ás suas mãos, nem sempre competentes e infinitamente falíveis, as nossas dôres mais insignificantes, as nossas neuralgias, que uma hóstia alvaia, os nossos arranhões, que uma pincelada de tintura sara, as nossas indisposições intestinais que dois dedos de citrato de magnésio resolvem. Os bons médicos, os que exercem a sua profissão conscienciosamente, têm-me a seu lado.

A mísera carta anónima foi escrita por um fanático, por um cego de consciência que não me conhece. E tão fanático elle é que, desejando engrandecer a meus olhos um Deus — que se fôsse Deus não faria sofrer uma criaturinha inocente e sem culpas como era a minha filha —, afirmou que para expliar os meus êrros essa criança viria a ter, se visse, o mais desgraçado destino.

Não creio em Deus. Mas se nêlle acreditasse nunca lhe faria a injúria de o julgar tão cruel e bárbaro como o meu cobarde anónimo correspondente o apresenta. Então, pode-se lá admitir que um ente justo e perfeito, a cujo olhar não escapam as nossas mínimas imperfeições, fizesse sofrer uma criança de três anos incompletos os horrores que a Guida, linda e bôa, sofreu?!

Que descarregasse sobre mim, peccador, tôdas as calamidades — estaria certo; mas que ella, virginal, cândida, pura, agonizasse durante duas semanas para expiação de culpas que ella desconhecia — é uma abjecção sem nome.

Contra êsse Deus, se existe, como o o anónimo pretende, ergue-se agora mais forte e consciente a minha revolta. Não, não! Esgrimir contra Deus, contra os moinhos de vento, contra o vácuo — é contrasenso em que não caio. Revoltome, sim, contra a constituição moral da pessoa que me escreveu, contra a hediondez dessa alma que se retratou numa curta fôlha de papel mal rabiscada.

MARIO DOMINGUES

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

(Continuação da pag. 4)

curte o seu negro arrependimento, acorreram muitas pessoas, gente grada da cidade que ali ia levar conforto moral ao prisioneiro.

Entretanto, vão-se conhecendo cifras... O montante do desfalque eleva-se já a cento e três contos de reis... Todavia a simpatia da população pelo Fernandes não abranda, e a prisão enche-se tôdos os dias de visitantes.

Até que alguém se lembrou de investigar as causas que deram origem ao desfalque, e de descoberta em descoberta chegou-se á conclusão de que o Armando roubava por amor duma mulher — duma mulher que não era a sua espôsa.

Apareceu mesmo uma fotografia dessa mulher, dentro duma carta em que ella pedia dinheiro.

— Céus! — clamou-se. — Mas essa mulher é... Que escândalo! Quem diria... Tôda a gente a julgá-la honesta, e no fim...

E o desvairado Armando Fernandes viu-se, de repente, abandonado por tôdos os seus antigos amigos, os mesmos amigos que o visitavam ainda na prisão.

A revelação dos seus amores ilícitos, duplamente criminosos, afugentara-os, lamentando a sorte de duas famílias a quem aquêl crime de amor desgraçava.

Hoje, volvidos já três meses sobre o despedaçar do enganador sonho de amor do pobre Fernandes, uma só pessoa o visita na cadeia — a sua amante, a mulher que o perdeu, a Greta Garbo de trazer por casa que o envolveu na feitiçaria dos seus olhares...

Fidelidade? Constância? Remorsos? Sabe-se lá, porventura. Se o coração da mulher é tão complicado, tão esfingico...

Quantos casos destes não haverá?... Quantos por êsse mundo fóra não se têm perdido por amor?...

AMERICO FARIA

COISAS QUE TODOS DEVEM SABER:

A CASA QUINTÃO vende os afamados Tapetes de Beiriz, faianças artisticas e mobiliário género antigo

Rua Ivens, 30 a 34 — Telef. 2 6064

METAIS-FERRAMENTAS

Rua do Loureiro, 86 a 92

Telef. 434 — PORTO

CASA DOS METAIS

Gomes da Silva, Ltd.

ESPECIALISTAS

Balanças, artigos para a industria

Fantasma da Baía

(Continuação da pag. 13)

ria, relinchos de cavalos, tilintar de armas, rodado de carros. Dir-se-ia que vinha avançando uma grande multidão, mas *ninguém via, somente ouvia* — à excepção das duas mocinhas que *viam e ouviam*. E estas, muito contentes, riam e saudavam os recém-chegados. Como eram eles?

Parecia comandar a tropa um mancebo que era tratado pelos outros cavaleiros e peões com sinais de submissão. A vestimenta deste mancebo era rica e aparatosa, conforme a descreveram as *meninas que viam*: o chapéu era guarnecido de ouro e o manto era bordado a lhamas de ouro e prata; trazia à cintura uma espada reluzente e as espadas eram do feitiço de acicates, grandes e bem aguçadas; as mulheres eram formosas e os cavalos gordos e bem tratados.

Isto tudo contaram as *meninas que viam* ao pai e às irmãs que *só ouviam* o ruído enorme da tropa que chegava. Logo fizeram arratal, armando tendas, que só eram vistas pelas *meninas que viam*; mas os outros *ouviam vozes* e, por vezes, ordens de comando, breves e concisas, que as *meninas que viam* esclareciam serem pronunciadas por um velho de longas barbas brancas, que parecia ser o pai ou o avô do mancebo a que fizemos já referência. Dir-se-ia que eram rei e príncipe!

Foi nesta altura que o Sr. Manuel Lopes Cabral resolveu recorrer aos grandes melos.

O PÁROCO DO LUGAR NÃO CRÊ NA REALIDADE DAS HISTÓRIAS!

Toda a gente sabe que o Diabo não resiste ao sinal da Cruz. Foge ou estoura! Desaparece com um grande berro ou explode com fragor medonho, E' dos livros e da tradição. E' da sabedoria... salomônica. Ora, se o Diabo resistiu à Cruz que o fazendeiro Cabral desenhou no queijo... é porque não era o Diabo! Lucifer é fértil em traças. Não teria ele arranjado um melo, um traço ou expediente para neutralizar, ainda que momentaneamente, os efeitos fulminantes do Sagrado Símbolo? E' claro que isso era pouco provável. Mas, enfim... E o Sr. Manuel Lopes Cabral resolveu-se a jornadear até à capela, aliás próxima de Nossa Senhora dos Campos, erecta para os lados de Ipojuana, onde consultaria o pároco da freguesia. O Reverendo, porém, não lhe ligou importância. Chamou-lhe maluco ou se teve a caridade de lho não chamar nem por isso ficou pensando doutra forma. E negou-se terminantemente a fazer os exorcismos requeridos! Lucifer livrou-se, assim, de bôa!...

ESTABELECEM-SE RELAÇÕES MAIS ÍNTIMAS...

Regressou o Sr. Cabral à fazenda. Vinha um pouco despeitado. De resto perdera em grande parte o médo que primitivamente lhe tinham inspirado os *invisíveis*. E reflectia de si para si:

— Afinal, não parece má gente. E deram-me ovos e fazem festas às crianças. E' certo que ainda os não vi. Mas ouço-os. Isso lá ouço, que não sou surdo. Pois está dito: vou-me entender com eles e será o que Deus quiser!

Se bem o disse melhor o fez. Despachou as *meninas que viam e ouviam* com recado aos *invisíveis*, convidando-os a virem, quando quisessem, até à fazenda, que seriam bem recebidos. E as *meninas que viam e ouviam* voltaram com a resposta: que sim, que viriam com muito gosto...

E cumpriram a promessa. O Sr. Cabral, acompanhado da consorte, recebeu os *invisíveis*, conversou com eles porque os *ouvia embora os não visse*, recebeu um mimo de *frutas que nunca vira e que tinham um leve gosto salgado* como noutras já mais houvera, assistiu, pasmado, à entrada e saída, pelas janelas, de objectos pesados,

A derrota do Marquês de Sagres

(Continuação da pag. 7)

encomendou um assalto, um golpe de «àpache» vil e repugnante — um golpe que falhou, porque pelo dêdo se descobriria o gigante... Pagou a outro castrado que, em prosa inexpressiva e sem gramática, tentou caluniar-nos, pelas costas, em papeluchos enviados pelo correio a pessoas que felizmente conhecem a nossa vida como os seus próprios dedos. Mas as suas portas falsas, as manobras sombrias, não faziam sequer estremecer de pavor os seus adversários leais e desassombrados.

Nós tínhamos tido a coragem de en-



Os trastes miseráveis arrestados ao Marquês de Sagres

frentar o homem que tantos temiam. Em golpes seguros, derrubámos para sempre o famoso arrivista. Depois da nossa campanha, que não necessitou de galgar aos extremos da violência, o Marquês de Sagres ficou desmascarado, deprimido, reduzido às suas devidas proporções — que eram as de um *chanteur* espectacular, um gozador condenável de fortunas alheias, um *brasseur d'affaires* suspeitos em que perdiam sempre os que caíam no lógro de ariscar o seu capital.

Saltam ao acaso aos bicos da pena os 120 contos do padre Neto, o negócio de cortiça em que tanto perdeu a extinta The Algarve Cork Corporation, o caso de um ingénua comerciante que ficou sem dinheiro e sem cortiça e, por fim, o grande negócio, que havia de ser a sua

que os *invisíveis* transportavam, rindo e dizendo que o faziam por brincadeira...

..... Termina aqui a história dos *invisíveis* da Serra Limpa. As crônicas nada mais dizem. Desapareceram os *invisíveis*? Ainda habitam a região, por si mesmos ou por seus descendentes?...

Não sabemos. O que narremos foi testemunhado por gente de todo o respeito, lavrando-se um termo que foi remetido para o governo da Metrópole, no ano de 1734, no faustoso reinado de El-Rei D. João V, de seráfica memória. Cujo termo tem a data de 1733.

FREI GERUNDIO, *historista*

perdição, com a firma João de Brito, Ld.^a, que lhe arrestou os bens e exige a sua presença na cadeia para pagamento das burlas de que foi vítima.

NOS VENCIDOS NÃO SE BATE

O ídolo, que desde a nossa campanha estrebuchava afogado no mar das próprias patifarias, acaba de cair ruidosamente. Numa sociedade regida por princípios de moral mais sólidos, um Marquês de Sagres não teria durado tanto tempo na posição de destaque que imerecidamente gozou em Portugal. Há muito que teria sido arredado do convívio da gente honrada. Caiu tarde, mas caiu.

Sempre tivemos uma grande piedade — uma piedade piegas, talvez — por todos os que tombam. Nossos pés recusam-se a pisá-los quando os vemos por terra. O Marquês de Sagres é, neste momento, um vencido. Anda a monte; sua esposa — uma esposa heroica, que merece pelas suas virtudes o nosso maior respeito — atravessa dias de angústia; os trastes, os miseráveis trastes que lhe apanharam, ostentavam na confusão de malas e mesas uma grande boneca, a boneca de sua filha, que não tem culpa dos erros do pai; a existência desse homem é, presentemente, um montão de ruínas.

Pois é neste momento doloroso e triste da vida do nosso adversário que a grande imprensa — aquela imprensa que emudecia cobarde quando o julgava forte — duvida da autenticidade do seu título e o achincalha com notícias contundentes; é neste momento que nós, obedientes à voz que nos ordena silêncio ante o sofrimento humano, rematamos as nossas considerações e calamos a nossa repulsa pelo José de Oliveira, o plebeu, que, como a rã da lenda, tanto quis inchar em importância e riqueza que estoitou de ignominia.

MARIO DOMINGUES

QUEREIS DINHEIRO ?

Jogai no

Gama

Rua do Amparo, 51—LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

Os mistérios da semana

O heroísmo dos descrentes

ALGUMAS horas depois de termos redigido a reportagem sobre leprosos publicada no número transacto do *Reporter X*, e que tão grande sensação produziu no grande público, soubemos do falecimento do padre jesuíta Perylle, um dos que os católicos cognominam «cavaleiros da lepra» e que havia 30 anos se sacrificava, num contacto de tódas as horas, numa gafaria de Madagascar. «Novidades», num artigo, aliás brilhante até à emoção, presta tóda a homenagem aos sacerdotes que, na ansia de se libertarem do mundo e de merecerem o Amor de Cristo, se oferecem para as leprosas, na certeza de que, mais tarde ou mais cedo, o contágio os torturará numa longa agonia gemea à dos desgraçados cuja carne apodrece sob as suas dóces e heroicas carícias e cujas almas aprendem a sofrer sob a luz dos seus conselhos de fé e de resignação. Mas eis que «Novidades», abrindo um «poço de ar» no vóo da sua prosa, plimponza de súbito, desafiando os adversários nos seguintes termos: «Está vago o lugar para o primeiro livre-pensador ou missionário

a percentagem de enfermeiros e de médicos sacrificados em prol da Humanidade cresce tódos os anos; que só o rádio Inquisitório já perto de um milhar de sábios, dos quais a maioria, por ser de livres-pensadores, não tinha, como os cristãos, esperança do prémio divino, após a morte, o que os torna mais heroicos ainda do que os outros que vêem no seu sacrifício o preço da entrada no Paraíso...

R. X.

A arte de ser feliz ...

O segrêdo dos srs. Marques & Martins

UMA DAS muitas falsidades que correm sobre nós, os portugueses, é aquela *blague* francesa que as tropas napoleónicas levaram de cá e espalharam pelo mundo em que se afirma que... *les portugais sont toujours gais*. Nada mais errado. O português não só não é alegre como, pelo contrario, não sabe defender a sua felicidade. Nós ignoramos os segrêdos dessa arte. Ser feliz, viver feliz, não é tão difícil como parece — mas exige uma atenção especial. Por exemplo: ninguém pode negar que o paladar é um dos caminhos mais... curtos para o bem-estar, para a alegria. Que enorme diferença separa um individuo que come sem arte e o que se preocupa em bem comer! É a mesma diferença que distancia o que se diverte passeando pelos cemitérios e o que prefere um bom teatro, um bom livro ou uma boa viagem. Não basta mesmo ter a inspiração do *menú*, estar em dia com os inventos desses alquimistas modernos que são os cozinheiros célebres, é preciso sobretudo possuir a sensibilidade de um artista, a agudeza de sentidos de um prestigitador, para adquirir a matéria prima e para escolher tódos os pequenos nadas que formam os mil bruxedos da maravilha final.

Partindo do principio que um cidadão atingiu o convencimento de que o paladar é de facto um dos segrêdos da ventura humana, se ele não tiver o metucioso cuidado de escolher os productos exigidos pelas fórmulas — tódo o seu esforço de construção de um templo de felicidade dentro da sua própria existência resultou inútil. Mas nesse caso — di-

rão os leitores — que queres tu que esse individuo faça para que o seu esforço para ser feliz não fracasse? — Muito simples: que estude primeiro, que escolha com a severidade de quem põe em jôgo um capital (que a ventura humana é o maior de tódos os capitais...) a casa onde se forneça dessa matéria prima. — «Mas...» — dirão ainda os leitores — isso é um problema de fácil resolução em Paris, em Londres, em Berlim, em tódas as grandes capitais onde o comércio especializado neste género é feito com elevação, com inteligência, com sentido moderno da vida — mas em Lisboa, torna-se não só difícil como impossível...» Outro equivoco. Lisboa tem avançado muito nos últimos tempos — e se nalguma coisa ela pode hoje nivelar-se aos grandes meios é precisamente neste ponto. Não diremos que em Lisboa o público encontre a variedade de casas que existe nessas grandes capitais; o que encontra, sim, é uma casa que reúne tódos os valores necessários das muitas que se encontram nos grandes meios; uma que oferece aos seus clientes tódos esses bruxedos miniaturais que, combinados com arte, conseguem o fakirismo da felicidade do paladar. Referimo-nos — escusado será dizer — á famosa firma «Marques & Martins, Ltd.», admiravelmente instalada na Rua Augusta, n.ºs 260, 262 (Telefone 25.767), que é um templo comercial de mercearia, com tódas as especialidades no género e uma confeitaria que oferece verdadeiras maravilhas, tais como amendoas francesas das melhores casas de Paris, etc.. E que aquêles que não se julguem felizes comecem a fornecer-se de lá — e verão como mudam de humor — gastando muito menos do que gastavam...

Uma realidade incontestavel âcerca dos diabéticos

AQUELES dois amigos, que se encontraram, nessa tarde, à esquina da rua da Madalena, conheciam-se há muitos anos, tinham sido condiscipulos e contavam pouco mais ou menos a mesma idade.

Um velho amigo que se encontra evocando-nos sempre scenas do passado que o tempo envolve em ternura suave, em nostalgia, em saudade. Ficaram ali de plantão conversando por largo tempo.

— Mas tu estás acabado, velho, alquebrado, apesar de seres da minha idade —



Leprosos, cadáveres que pensam e se vêem apodrecer, aos picos, angustiosamente...

laico que apareça a requerê-lo». Somos justos até á severidade e não regateamos a nossa mais comovida homenagem aos mártires da lepra, sejam ou não jesuitas. Mas se existem jesuitas... mártires da lepra, é bom não esquecer que nem tódos o são, porque muitos preferem outros modos de servir a Deus, menos arriscados e mais cómodos. É bom também recordar que numerosos padres protestantes — como os de La Valbonne — se sacrificam aos gafados; que os próprios budistas e que muitos laicos o têm feito também; que

disse Antonio Gomes para o Vilaça. — Sofres?...

— Muito — respondeu o Vilaça, com um sorriso triste. — Há anos que vivo num verdadeiro martírio. Desde que os diabetes tomaram posse do meu organismo não voltei a ter um minuto de sossego.

Escutando-o, Antonio Gomes, corado, saudável, sorria e cofiava o bigode.

— Também eu já sofri como tu sofres, meu velho — disse êle de bom humor. — Tive, como tu, diabetes que me iam levando à tumba. Mas curei-me.

— Como conseguiste êsse milagre? — inquiriu o Vilaça, alvorçado por uma grande esperança que lhe nascia na alma.

— Tratando-me com o *Diabetasi «Fersil»*, uma fórmula alemã verdadeiramente maravilhosa, que me custou quinze escudos. Trata-te com o *Diabetasi «Fersil»* e verás os benefícios que colherás. Dirige-te já ao Depósito Geral em Portugal: F. Silva, aqui nesta mesma rua da Madalena, 188 e 190. Verás: a cura é radical.

O Vilaça, mal ouviu estas palavras, despediu-se à pressa e correu ao Depósito Geral, conforme as indicações do seu amigo.

Uma inscrição latina num subterrâneo de Alfama

O ANTUNES é um homem surpreendente. Sabe tudo, conhece tudo. As manobras secretas do banditismo de Chicago, os meandros complicados da espionagem internacional, as intrigas subtis e rasteiras da política dos Estados, os segredos dos bastidores de teatros, os escândalos de Hollywood mais ou menos cinematográficos, os pontos mais obscuros do passado mais remoto, tudo quanto a maioria ignora conhece êle a fundo, com todos os pormenores, desde os mais insignificantes aos de maior relevo — e por isso o Antunes é visita assídua da redacção do *Reporter X*.

Há dias, chegou êle arquejante, arremessou-se para os braços acolhedores dum *mapple*, e logo que a respiração precipitada lho permitiu, exclamou:

— Vou dar-lhes a novidade mais sensacional dos últimos tempos!

Como se fôssemos impelidos por uma mola oculta, erguemo-nos e aproximámo-nos curiosos e impacientes do Antunes, que, apesar do frio que fazia, empapava o seu lenço de seda no suor abundante que lhe corria da fronte. Esperámos a novidade.

— Vocês conhecem Alfama. E', como sabem, um antigo bairro mourisco, que, por êsse motivo, possui ainda subterrâneos, portas falsas, escaninhos, cisternas, mil e um segredos labirínticos que a maioria dos lisboetas, senão a totalidade, ignora por completo. Ora nma noite destas, o Nogueira de Abreu, que

é arqueólogo, chamou-me de parte e murmurou-me ao ouvido: «Descobri uma inscrição antiga, absolutamente inédita, que muito trabalho me levou a decifrar. Sei que Você se interessa por estas coisas. Quero mostrar-lha. Deseja Você acompanhar-me numa excursão ariscada?» Respondi-lhe que sim. E realmente nessa mesma noite o Nogueira de Abreu levou-me através de bécos e travessas sinuosas até apartarmos, pelas 3 horas da madrugada, a um pátio escuríssimo que, se não fóra o arqueólogo conhecer bem o local e levar-me pela mão como se leva uma criança, eu teria esbarrachado o nariz contra qualquer parede ou caído pelas escadarias de degraus velhos e desgastos que me obrigou a descer. Por fim o Nogueira de Abreu iluminou o local onde nos encontravamos com a pequena lâmpada eléctrica com que ia munido e mostrou-me na parede de um subterrâneo viscoso e humido uma lápide onde a custo conseguimos decifrar uma inscri-



— Vou dar-lhes uma novidade sensacional — disse o Antunes

ção latina, cujos dizeres são verdadeiramente sensacionais.

— E que dizia a inscrição? — perguntámos todos nós a um tempo, impelidos pelo mesmo sópro de interesse.

O Antunes teve um leve sorriso para a nossa impaciência e respondeu-nos apenas estas palavras:

— As melhores manteigas do Continente e Ilhas, os queijos nacionais e estrangeiros de superior qualidade, as conservas de melhor fabrico, etc., etc., só se encontram à venda na Manteigaria «TRIUNFANTE» de A. Figueiredo Ltd., Rua da Prata, 262 e 264, Lisboa, telefone N.º 26041.

E mais não disse o Antunes.

Desvendase um mistério

GUILHERME Gouveia era um *dandy*. Desde o nó da gravata ás polainas cor de cinza e aos sapatos de verniz, tudo nêle era limpo, elegante, *smart*. Como o Guilherme Gouveia conseguia sempre apresentar-se impecavel no seu vestuário era o segredo que tóda a roda da boa

sociedade que êle frequentava desejava descobrir.

Com efeito, o Gouveia fazia uma vida misteriosa. Vivia só no seu *appartement*, não possuía qualquer pessoa de família que cuidasse dos arranjos caseiros e, portanto, olhasse pela conservação da sua elegantíssima indumentária. Êle aparecia em tódas as reuniões *chics*, nos chás, nas inaugurações de exposições, nas *premières* teatrais, nas sessões solênes, e nunca ninguém lhe notara no fato nem uma ruga nem um grão de poeira.

Quando alguns dos seu amigos mais íntimos tentavam desvendar o segredo da sua elegância, êle respondia-lhes com um sorriso superior e misterioso e mudava de conversa. Êsses seus amigos, rapazes novos e elegantes, frequentadores da melhor sociedade lisboeta, combinaram uma vez pôr tudo em pratos limpos. Começaram a segui-lo, passo a passo, desde manhã até à noite, e um dia tiveram a explicação do grande segredo. É que o Guilherme Gouveia entrava muitas vezes por semana, levando e trazendo grandes embrulhos debaixo do braço, da *Engomadaria Americana*, que é, como tóda a gente sabe, a casa no género que faz lavagem, limpeza e tinturaria de tóda a espécie de vestuário e peles, por módicos preços, na Rua Ivens, 27, Lisboa.

O segredo da fronteira invisível

O OUVIDO, o bom ouvido, é a primeira qualidade dum bom reporter. Saber ouvir não é ouvir tudo, mas só aquilo que pode trazer uma utilidade ao público em geral. Um exemplo bem frisante é o episódio que vamos relatar. Há poucas noites, no dever profissional, o seguir a pista dum estrangeiro suspeito que traz a pesar-lhe sobre os ombros a ameaça de ser fuzilado em França como espia durante a guerra, sorte de que se libertou fugindo em aeroplano na véspera da execução, levou-nos a um dos salões melhor frequentados de Lisboa. Os nossos olhos (que são também auxiliares poderosos para uma reportagem) denunciaram-nos logo o detalhe curioso do aspecto em conjunto desse salão. Dir-se-ia que um lápis invisível traçara sobre o tapete uma linha de fronteira, dividindo em dois grupos os homens da assistência. Dum lado, estavam convidados masculinos, isolados, tristes, abandonados, sem que uma única senhora, mesmo de passagem, comunicasse com êles. Do outro, um grupo menos numeroso era positivamente sitiado pelas damas, que buscavam a sua conversa, o seu «flirt», e que quasi não necessitava de convites para ter vários braços a oferecerem-se para bailar quando o «jazz-band» iniciava a sua musica infernal. Foi então que os nossos ouvidos de reporter tiveram de cumprir o seu dever profissional. Ao nosso lado, estavam

O "bas-fond" da emigração

(Continuação da pag. 11)

do-se os jornais, somando as notícias dos desfalques, adicionando a esse numero outro tanto de casos não divulgados e subtraíndo depois aquêles que ficaram em impunidade. Do resultado dessa operação mais de metade foi procurada indirectamente pelo nosso homem que lhes propôs e realizou a salvação por meio das suas habilidades de falsificador. E como em 1927 fazia cinco anos que elle começara o negócio, e como estamos em 1931, e como por cada passaporte falso elle leva oito contos que se visione qual não será a fortuna de se cavalheiro.

AS FALSIFICAÇÕES LEGAIS

Por dever de lealdade caei durante todo este tempo o segredo desse meu pobre amigo que a morte levou em terras estrangeiras. E agora que nada me obriga a calar e que eu revelei este episódio — devo dizer também que o verdadeiro *bas-fond* dos negócios de passaportes, que a verdadeira ignominia do tráfico humano da emigração comparados com o cinismo desse falsificador leva-me quasi a considerá-lo um homem relativamente de bem. Está por fazer a reportagem aos mistérios desse negócio de carne humana. O mais vulgar na actualidade é o das entradas nos Estados Unidos. Como se sabe, em nenhum país o emigrante tem maiores possibilidades de encontrar trabalho e de prosperar como nos Estados Unidos. Os exemplos daquêles que partiram há muito e que contam para cá a rapidez com que enriqueceram embriagados de esperanças centenas de indivíduos. Ao mesmo tempo o Governo americano dificulta a entrada dos emigrantes reduzindo ao numero mínimo anual a licença para portugueses. Por isso surgiram inúmeros cavalheiros sem escrúpulos que fazem das ambições duns e das dificuldades de outros o segredo de enriquecerem miseravelmente. O preço fixado é de 30 contos por pessoa. Acercam-se dos indivíduos ansiosos por

entrarem nos Estados Unidos, confidenciam-lhes que possuem os meios de os introduzirem naquêles país e recebem os trinta contos. Embarcam-nos com o rumo a qualquer país fronteiriço ou próximo da America do Norte (Mexico, Cuba, Guatemala, Nicaragua), entregando-lhes uma carta com a seguinte promessa: — «Desembarcando será logo procurado pelo nosso agente nessa terra, a quem já telegrafei e a quem você deve entregar esta carta. Confie nele como em mim. Ele se encarregará de o meter nos Estados Unidos». A melhor das hipóteses é que, chegando ao Mexico ou Guatemala, não encontraram ninguém á sua espera e acabaram por se convencer de que o tal agente nunca existiu. Essa é a melhor hipótese... De outra, que envolve o mistério sangrento da morte de dezenas de desiludidos, de vendidos, trataremos noutra reportagem. Não perdem com a demora.

REPORTER X

A CÊRA DR. LUSTOSA

que cura a dor de
dentes em 5 minutos

foi finalmente posta á venda
— em todas as farmacias —

Preço — Tubo 8\$00

DEPOSITÁRIO GERAL
Rua S. Nicolau, 25 — Telef. 23989
SECÇÃO DENTARIA
Polycarpo
Dão-se referencias neste jornal

OS AVENTUREIROS DO AVENIDA PALACE

(Continuação da pag. 9)

quem consultar o livro de registro dessa época (princípios de 1917, se não estou em erro) encontrará o nome de Berthe Lamorville, pseudónimo que ella usou em Portugal.

E quantos outros nessa época e depois dela! Um alto magistrado turco de quem a gerencia do hotel desconfiou por descobrir que não sabia ler nem escrever, e que não passava dum audacioso *escroc*; Dressner, o célebre burlão que realizou o *film* de Cristovão Colombo sem vintem, ficando a dever a toda a gente e ganhando milhões, milhões que gastou rapidamente, sendo preso em New York e fugindo depois para Lisboa, onde se hospedou no «Palace», acabando por ser preso no Porto. E depois desse, quantos outros! Alves Reis e José Bandeira, passando temporadas no «Palace» apesar de terem as suas casas, só por ser «Palace», e dando á creadinga gorjetas... de quinhentos escudos, de que ella ainda hoje fala; e quantos outros... e outras não passaram confundidos com os cosmopolitas autênticos sem que se descobrisse nunca o mistério da sua vida!

Os aventureiros do «Palace»! São inevitáveis em todos os «Palaces». Um «Palace» sem aventureiros não seria «Palace». E voltaremos ao assunto.

R. X.

ERRARE HUMANUM EST...

Mas se errou ao escrever
remedia tudo, usando

SMART Á venda
— nas boas papelarias

dois sujeitos, dois «gentlemen» da velha guarda, mas modernizados no aspecto e muito experimentados... Um deles notou o que nós tínhamos notado; e o outro, sorrindo, explicou-lhe: — «Não é difficil adivinhar o segredo da fronteira que separa uns dos outros. Os abandonados pelas senhoras são aquêles que não têm o menor cuidado na sua apresentação. Todos os outros — ia jurá-lo — vestem-se no mesmo alfaiate, ou seja o atelier do artista Loureiro, na Rua da Padaria, 7-2.º (telefone 2-0260), que não só é inconfundível no corte, na qualidade e no bom gosto das fazendas, como também no preço que faz aos seus clientes e que o torna ao alcance de todas as bolsas. Distingue-se tanto um homem que se veste nos outros alfaiates como se distingue uma pedra «Kepf» dum brilhante autêntico.

Quem teria comido a vaca tuberculosa?

O que vai por essa provincia, de imoralidades e crimes impunes! Na nossa redacção caem todos os dias avalanches de cartas denunciando-os. A maioria d'elles são quasi impossíveis de investigar. Seria necessário que o *Reporter X* possuísse, não alguns redactores e informadores, mas uma autêntica brigada de

agentes investigadores, oficialmente autorizados a proceder a buscas, e até a meter os criminosos na cadeia, para tudo se apurar a limpo. Tal missão, porém, não compete a jornalistas. Nós vamos até á denuncia pública dos delictos mais condenáveis e daí não passamos por melindre moral e por falta de geito para policiaes.

Vem este curto entreato a propósito de um caso que uma carta acaba de nos revelar e que merece a mais enérgica reprobção pública.

Um indivíduo chamado Antonio, rendeiro da Quinta de Fanares em Mem Martins, próximo de Algueirão, possuía duas vacas leiteiras tuberculosas e vendia o leite d'essas animas a várias pessoas que residiam na aludida quinta, onde há bastantes crianças, e também fornecia leite para um lactário de Lisboa.

Há tempos, como uma das vacas se encontrasse bastante doente e já comessem os vizinhos a falar no caso, o tal Antonio resolveu vendê-la. O comprador foi um tal Domingos da Joana, que bem sabia o que comprava, e que estava construindo uma barraca para um talho na aludida quinta.

O negócio foi fechado por vinte escudos. Uma vaca por vinte escudos — um ovo por um real! Em que estado não estaria o animal! Essa vaca foi abatida clandestinamente e a carne vendida ao público.

É assim que surgem doenças de origem inexplicavel. Os traficantes da nossa saúde não recuam ante os mais tenebrosos crimes.

O encanto das flores

AS FLORES acompanham os homens nas manifestações mais delicadas do seu espirito. Mimosas, perfumadas, caprichosas nos recortes, estonteantes no colorido, ellas tanto embelezam e dão realce á festa do noivado, á alegria do baptizado, como ao triste adeus que as almas sensíveis dizem aos entes mais queridos.

As flores, tão belas, tão sedutoras, tão elegantes que dir-se-iam concebidas por qualquer cousa de divino, são as melhores companheiras da humanidade nos seus actos mais solenes. Quando artisticamente agrupadas, por mãos sábias, em *bouquets*, ramos, *corbeilles* e corôas, encantam-nos, maravilham-nos.

Nós não conhecemos quem, em Lisboa, imprima tão bom gosto á confecção de um lindo ramo como o célebre Antonio da Alice, florista tão famoso quanto modesto que no Mercado da Praça da Figueira, Lisboa, passa a sua vida a construir, por preços módicos, verdadeiros monumentos de perfume e cor, com flores frescas, virginaes, lindas, puras e deslumbrantes.



Do Rocio a Belem \$50 centavos
Do Poço do Bispo a Algés \$50 »
Do Campo Grande á Ajuda \$50 »
Da Graça á Estrela \$50 »



DE QUALQUER PON-
TO DA CIDADE A OU-
TRO EM 1 MINUTO
POR \$50 CENTAVOS



O meio mais facil de comunicar
O meio mais rapido de comunicar
O meio mais economico de comunicar

Há em Lisboa **350** cabines publicas
Há nos arredores **300** cabines publicas

Criai o habito de falar ao telefone. A Companhia todos os dias coloca
novos telefones para todos aqueles que não podem ainda ter tele-
fone privativo, apesar do seu resumido preço; são os telefones pu-
blicos em todas as ruas, em todas as praças, em todos os locais

Preferi as Cabines silenciosas, ao abrigo dos indiscretos; automaticas, nas quais basta
deitar \$50 CENTAVOS para se ter a cidade toda ao nosso alcance

Este anuncio é da
ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE Company
R. Nova da Trindade, 43— LISBOA

reportagem

Semanario das
grandes reportagens



A GUERRA...

1 — Cadáveres alemães numa vala comum francesa; 2 — Tank Inglês posto fora de combate por lança-chamas e rufos ocupantes foram carbonizados; 3 — Telefonistas alemães mortos junto da sua equipagem; 4 — Obstáculo intransponível...; 5 — Cadáver dum soldado alemão no Somme; 6 — Cadáveres de soldados ingleses em St. Quentin; 7 — Cadáveres franceses junto do arame farpado alemão (entre Reims e Laon).